

GUILHERMANA FERNANDES VERAS

GINGA

Proposta de *coliving* em João Pessoa - PB

TRABALHO FINAL DE CONCLUSÃO DE CURSO EM ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

ORIENTADOR: CARLOS ALEJANDRO NOME SILVA | MAIO DE 2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

GUILHERMANA FERNANDES VERAS

GINGA:

Proposta de *coliving* em João Pessoa - PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba, no período letivo 2024.2, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alejandro Nome Silva.

João Pessoa
2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

V476g Veras, Guilhermana Fernandes.

Ginga: projeto de coliving para João Pessoa, PB /
Guilhermana Fernandes Veras. - João Pessoa, 2025.
59 f. : il.

Orientação: Carlos Alejandro Nome Silva.
TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Coliving. I. Silva, Carlos Alejandro Nome. II.
Título.

UFPB/BSCT

CDU 72(043.2)

GINGA:

Proposta de *coliving* em João Pessoa - PB

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Carlos Alejandro Nome Silva

Prof. Dr. Dimitri Costa Castor

Prof. Dr. Daniel Paulo de Andrade Silva

João Pessoa-PB
Maio / 2025

AGRADECIMENTOS

À minha família, base de tudo que sou. À minha mãe, Flaviana, minha fortaleza, exemplo de amor e força, que nunca deixou de acreditar em mim. Ao meu pai, Julio Cezar, que permanece vivo em mim todos os dias – sua memória é luz no meu caminho. Às minhas irmãs, Beatriz e Flávia, que amo mais que tudo nesse mundo. Aos meus primos Leandra e Ângelo, e às minhas tias, que sempre estiveram presentes com carinho e apoio.

A todos os professores que passaram pela minha vida e contribuíram para minha formação, meu muito obrigada. Em especial ao meu orientador, Carlos Nome, pela escuta, paciência e direção ao longo desse processo.

Aos amigos que a vida me deu durante essa jornada. Mylena, minha alma gêmea de curso, com quem dividi risos, choros e conquistas. Átrya, que mora no meu coração. Aos meus parceiros de jornada Fernanda, Zé, Bruno e Vitória, obrigada pela companhia, pelas conversas e pelo afeto.

Aos amigos da Portomar, que me ensinaram tanto e me acolheram com generosidade. Em especial, Abner e Carol, que deixaram marcas lindas no meu processo de crescimento.

A cada um de vocês, minha eterna gratidão.

RESUMO

Este trabalho propõe o desenvolvimento de um modelo de coliving na cidade de João Pessoa, Paraíba, como resposta às transformações contemporâneas nos modos de habitar e trabalhar. Partindo do contexto pós-pandemia, que acelerou a adoção do home office e intensificou o isolamento social, a pesquisa investiga como a arquitetura pode criar espaços que equilibrem privacidade e vida comunitária. O estudo combina revisão teórica sobre a evolução da moradia compartilhada, análise de casos nacionais e internacionais de coliving, e considerações sobre as especificidades climáticas e urbanas de João Pessoa. O projeto resultante, denominado Ginga Coliving, organiza-se em unidades habitacionais flexíveis e espaços compartilhados estrategicamente distribuídos para promover interações espontâneas. Incorporando princípios de sustentabilidade e tecnologia, a proposta busca oferecer uma alternativa habitacional que atenda às demandas de jovens profissionais e nômades digitais, ao mesmo tempo em que fortalece os laços comunitários e promove ocupação mais racional do espaço urbano.

Palavras-chave: Arquitetura contemporânea; Moradia compartilhada; João Pessoa; Design social; Habitação flexível.

ABSTRACT

This work proposes the development of a coliving model in João Pessoa, Paraíba, as a response to contemporary transformations in living and working patterns. In the post-pandemic context, which accelerated remote work adoption and intensified social isolation, the research investigates how architecture can create spaces that balance privacy and community life. The study combines theoretical review on the evolution of shared housing, analysis of national and international coliving case studies, and considerations about João Pessoa's climatic and urban specificities. The resulting project, called Ginga Coliving, features flexible housing units and strategically distributed shared spaces to foster spontaneous interactions. Incorporating sustainability principles and technology, the proposal offers a housing alternative that meets the demands of young professionals and digital nomads while strengthening community ties and promoting more rational urban space occupation.

Keywords: Contemporary architecture; Shared housing; João Pessoa; Social design; Flexible housing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Setorização na Casa de Vidro, Lina Bo Bardi	16	Figura 13 – Fachada verde nos terraços – Edifício AMATA	28
Figura 2 – Planta de apartamento contemporâneo	17	Figura 14 – Quarto individual do ROAM	29
Figura 3 – Quarto nos anos 2000	17	Figura 15 – Coworking do ROAM	29
Figura 4 – Quarto contemporâneo	17	Figura 16 – Cozinha compartilhada e bar do ROAM	29
Figura 5 – Edifício WeLive, Arlington, EUA	19	Figura 17 – Diagrama do edifício – ROAM	30
Figura 6 – The Commons, Austrália	21	Figura 18 – Passarelas de circulação – ROAM	30
Figura 7 – Coliving Largo do Arouche	22	Figura 19 – Planta baixa do pavimento 01 – ROAM	30
Figura 8 – Lavanderia Van Peter Hall, MSCBA	23	Figura 20 – Materialidade da estrutura – ROAM	31
Figura 9 – Espaço de conectividade, Housi	24	Figura 21 – Presença da vegetação nativa – ROAM	31
Figura 10 – Edifício AMATA	27	Figura 22 – O edifício The Commons	32
Figura 11 – Fachada com vegetação integrada – Edifício AMATA	28	Figura 23 – Horta comunitária – The Commons	32
Figura 12 – Integração com a paisagem urbana – Edifício AMATA	28	Figura 24 – Terraço – The Commons	32

Figura 25 – Horta comunitária – The Commons	33	Figura 38 – Coworking (perspectiva)	48
Figura 26 – Cozinha compartilhada – The Commons	33	Figura 39 – Planta baixa do térreo	49
Figura 27 – Mapa do bairro Tambauzinho	36	Figura 40 – Vista do térreo	49
Figura 28 – Localização do lote	37	Figura 41 – Fachada do edifício	49
Figura 29 – Imagem aérea do lote	38	Figura 42 – Planta baixa Pav. 01	50
Figura 30 – Rosa dos ventos – agosto	39	Figura 43 – Perspectiva Pav. 01	50
Figura 31 – Rosa dos ventos – outubro	39	Figura 44 – Planta baixa Pav. 02	51
Figura 32 – Fachada Ginga	45	Figura 45 – Perspectiva Pav. 02	51
Figura 33 – Diagrama programático	46	Figura 46 – Vista do Pav. 02 – Refeitório	51
Figura 34 – Restaurante Ginga	47	Figura 47 – Vista do Pav. 02 – Área de jogos	51
Figura 35 – Coworking	47	Figura 48 – Vista do Pav. 02 – Sacada reclusa	51
Figura 36 – Perspectiva do térreo	48	Figura 49 – Planta baixa Pav. 03	52
Figura 37 – Entrada de pedestres	48	Figura 50 – Perspectiva Pav. 03	52

Figura 51 – Planta baixa Pav. 04	53
Figura 52 – Perspectiva Pav. 04	53
Figura 53 – Planta baixa Pav. 08 (restaurante)	54
Figura 54 – Perspectiva Pav. 08	54
Figura 55 – Perspectiva interna do restaurante	54
Figura 56 – Perspectiva externa do restaurante	54
Figura 57 – Planta baixa do estacionamento	55

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12	4.2. ROAM COLIVING	29
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16	4.3 THE COMMONS	32
2.1 MUDANÇAS NO ESPAÇO DOMÉSTICO	16	5. ESTUDOS PROJETUAIS INICIAIS	36
2.2 O TRABALHO E O ESPAÇO DOMÉSTICO	18	5.1 O LOCAL E O LOTE	36
2.3 ENTENDENDO O <i>COLIVING</i>	19	5.2 CONDICIONANTES CLIMÁTICAS	39
2.4 FATORES IMPULSIONADORES	20	6. PROGRAMAÇÃO ARQUITETÔNICA	40
3. PRINCÍPIOS PROJETUAIS PARA INTERAÇÃO SOCIAL	21	6.1 PROBLEM SEEKING	40
3.1 ESTUDO DE CASO: LIISA HORELLI (FINLÂNDIA)	21	6.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO	41
3.2 MEDIAÇÃO SOCIAL	22	6.3 MATRIZ DE RELAÇÕES	43
3.3 TECNOLOGIA COMO ALIADA DO CONVÍVIO	24	7. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	45
4. ANÁLISE DE CORRELATOS	26	8. APÊNDICES	59
4.1. EDIFÍCIO AMATA	27		

1. INTRODUÇÃO

1.1. PROBLEMÁTICA

O termo "*coliving*" surge da junção do prefixo "co" (com/junto) e "*living*" (moradia), referindo-se a uma forma de moradia compartilhada onde pessoas sem laços familiares dividem espaços, equipamentos e despesas, promovendo convivência colaborativa.

Embora o termo contemporâneo seja recente no Brasil, a moradia compartilhada tem raízes históricas. Desde a primeira metade do século XX, durante a Revolução Industrial, formas de habitação compartilhada já surgiam como resposta à migração de trabalhadores rurais para as cidades. Como aponta Fessler Vaz (1994)¹, essa movimentação gerou uma alta demanda por moradia, atendida de forma insuficiente e mal planejada. Surgiram, assim, cortiços e repúblicas,

caracterizados por condições precárias: espaços pequenos, superlotados, sem saneamento adequado e carentes de equipamentos públicos essenciais, como lazer e transporte.

No cenário atual, novos desafios e transformações se somaram a esse panorama. Com o avanço das tecnologias no século XXI, a dinâmica da moradia e das interações sociais sofreu grandes mudanças. O acesso rápido à informação e a conectividade remota transformaram a forma como as pessoas trabalham, se relacionam e moram, enfraquecendo laços comunitários estáveis. A tecnologia reduziu as interações presenciais, fazendo com que muitos aspectos da vida social ocorressem de forma esporádica ou virtual. O contato diário entre vizinhos e colegas de trabalho tornou-se menos frequente, contribuindo

para um certo isolamento social.

A expansão da cidade sobre o campo, a transformação do vilarejo em metrópole, tudo isso levou a um deslocamento da centralidade do modo de vida comunitário. Com a ampliação dos contatos, mas com a diminuição de sua importância – e considerando a quantidade de pessoas com que um cidadão de uma cidade tem de lidar sem manter vínculo afetivo, principalmente se comparado com o morador de um vilarejo –, a personalidade da comunidade foi perdendo espaço para a impessoalidade da metrópole. Com a diversidade que se faz presente no aumento do número das pessoas vivendo em uma região e com a impossibilidade de sua limitação territorial – dado que os meios de comunicação e transporte tornam possível uma integração cada vez maior dos territórios globais –, ocorre a ampliação da individualização. Os indivíduos de uma metrópole dispõem de ampla gama de escolhas e opções; no entanto, carecem de uma vida orientada por códigos morais específicos e bem delimitados, típicos da comunidade (MOCELLIM, 2011, p. 107).

¹ Para entender melhor sobre a evolução da moradia popular, dos cortiços aos edifícios modernos, ler “Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos — a modernização da moradia no Rio de Janeiro”, por Lillian Fessler Vaz, 1994.

Esse distanciamento foi ainda mais acentuado pela pandemia de COVID-19, entre 2020 e 2023. O isolamento necessário impôs uma mudança abrupta no modo de vida, transferindo atividades presenciais para o ambiente virtual. O *home office*, que já era tendência, consolidou-se de vez. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o percentual de brasileiros que trabalhavam em seus domicílios em 2023 foi de 8,3%, superando os 5,8% de 2019. Esses dados sugerem que o trabalho remoto se tornou uma prática duradoura, alterando as dinâmicas de trabalho e moradia.

Diante desse novo cenário, emergiu a necessidade de repensar os espaços habitacionais, buscando modelos de moradia e trabalho mais flexíveis e integrados. Nesse contexto, conceitos

como *coliving* e *coworking* ganharam relevância, oferecendo alternativas que combinam conectividade tecnológica com a retomada da convivência social. No Brasil, a tendência se confirma: a demanda por modelos flexíveis cresceu significativamente. O censo de 2019 da *Coworking* Brasil apontou um aumento de 25% nos espaços de trabalho compartilhados, presentes em 195 municípios. O *coliving*, ao integrar moradia e trabalho, responde às necessidades de jovens profissionais que buscam praticidade, interação social e redução de custos, além de promover uma ocupação mais racional do território.

Em João Pessoa, essa demanda também se manifesta, impulsionada pelo crescimento do empreendedorismo local. Segundo o índice FipeZap de agosto de 2024, imóveis com dois ou mais dormitórios na capital paraibana valorizaram 14,2%, tornando o acesso à moradia ainda mais desafiador. Nesse cenário, o *coliving* desponta como uma

solução viável, oferecendo residências compartilhadas em locais estratégicos, com infraestrutura adequada e proximidade a serviços essenciais.

Diante desse contexto, este trabalho propõe um modelo de *coliving* para a cidade de João Pessoa, onde tecnologia, e interação social se articulem para responder às demandas contemporâneas.

1.2. JUSTIFICATIVA

O projeto de *coliving* e *coworking* em João Pessoa surge em resposta à necessidade de adaptação aos novos modos de viver e trabalhar, impulsionados pelo avanço tecnológico e intensificados pela pandemia de COVID-19. Com o aumento da individualização nas grandes cidades e a demanda por espaços que promovam interação social e colaboração, o *coliving* oferece uma solução adequada, unindo moradia e trabalho em um ambiente flexível e conectado, atendendo especialmente às pessoas que priorizam proximidade e infraestrutura urbana.

1.3. OBJETO

Coliving na cidade de João Pessoa/ PB

1.4. OBJETIVO GERAL

Desenvolver um estudo preliminar de *Coliving* na cidade de João Pessoa.

1.5. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar as necessidades contemporâneas de moradia e de trabalho;
- Analisar diferentes espaços de coabitação para melhor compreender como esse modelo pode promover integração social, colaboração e uso eficiente dos espaços;
- Promover uma arquitetura que dialogue com as necessidades contemporâneas de moradia.

1.4. METODOLOGIA

ETAPA 1: COMPREENSÃO DA PROBLEMÁTICA

- 1.Referencial Teórico - Estudos referentes aos conceitos de *coliving*, *coworking*, economia compartilhada, a evolução da moradia, a moradia contemporânea;
- 2.Compreensão da problemática.

ETAPA 2: PROGRAMAÇÃO ARQUITETÔNICA

1. Definição das *personas* - Entender o perfil do usuário;
2. Matriz de *Problem Seeking* - Estruturar e categorizar as informações relevantes para garantir que todos os aspectos do problema sejam compreendidos e considerados no desenvolvimento do projeto;
3. Programa de necessidade e Matriz de relações - analisar e organizar as conexões entre diferentes espaços e funções dentro do projeto.

ETAPA 3: DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

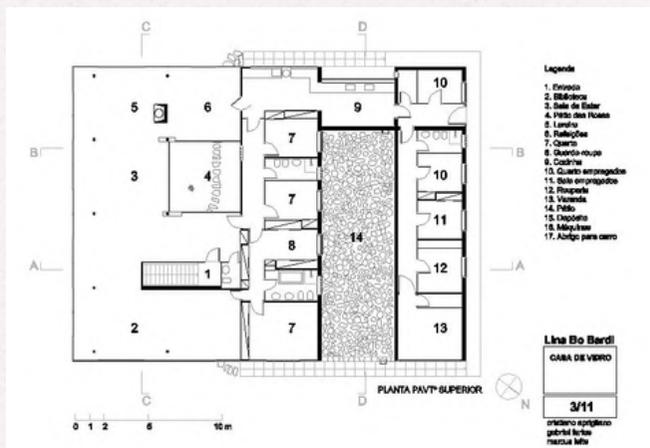
1. Escolha do terreno;
2. Estudo projetuais iniciais - Linguagem arquitetônica, espacialização, condicionantes climáticas e legais, organização programática, estudo da volumetria;
3. Elaboração de plantas baixas, cortes e vistas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. MUDANÇAS NO ESPAÇO DOMÉSTICO

O espaço doméstico contemporâneo é produto de uma ruptura com o modelo tripartite do século XIX (figura 1) — que segregava funções (prestígio, serviço e intimidade) em zonas estanques —, reflexo de uma sociedade patriarcal e hierárquica. Para Tramontano (2003), esse fenômeno está diretamente relacionado à convergência entre a emancipação feminina (com 54% das mulheres brasileiras no mercado de trabalho em 2020, ante 18% em 1950 - IBGE) e a diversificação dos arranjos familiares, como famílias monoparentais, casais sem filhos e uniões livres. Como alerta a autora, "a casa deixou de ser um palco de representação social para se tornar um território de adaptações cotidianas.

Figura 1 – Setorização íntima, de serviço e social na planta da Casa de Vidro, Lina Bo Bardi, 1951.



Fonte: <https://www.docsity.com/pt/docs/a-casa-de-vidro-de-lina-bo-bardi/4855800/>

Esse processo de integração dos espaços domésticos (figura 2) também é influenciado por fatores tecnológicos. O advento de dispositivos móveis, como smartphones e laptops, e o impacto das redes sociais e da internet, alteraram profundamente o conceito de intimidade, desafiando as fronteiras entre o público e o privado. A digitalização de inúmeros objetos e funções domésticas, como enciclopédias, rádios, livros, DVDs, álbuns de fotos e telefones fixos,

resultou em uma reconfiguração dos espaços residenciais. A necessidade de armazenamento físico foi significativamente reduzida, visto que muitos desses itens foram substituídos por aplicativos e serviços digitais (figuras 03 e 04), impactando diretamente no dimensionamento dos ambientes, tornando-os mais compactos.

Figura 2: Configuração contemporânea de apartamento integrado.



Fonte: Butiá arquitetura, 2020.

Figura 3: Configuração de quarto dos anos 2000



Fonte:

<https://br.pinterest.com/pin/448037862926456822>

Figura 4: Configuração de quarto contemporâneo.



Fonte:

<https://br.pinterest.com/pin/13581236383343776/>

Como resposta a essas mudanças no uso e na distribuição dos espaços internos, os imóveis de pequeno porte passaram a adotar soluções de integração e áreas compartilhadas como uma compensação, proporcionando maior funcionalidade e convivência social em ambientes mais restritos.

Essas transformações no ambiente doméstico, portanto, evidenciam uma adaptação das residências às novas formas de convivência e às mudanças nas tecnologias, criando um novo conceito de "lar" mais flexível, interconectado e dinâmico.

2.2. O TRABALHO E O ESPAÇO DOMÉSTICO

A relação entre trabalho e ambiente doméstico não é nova. Na Idade Média, artesãos e comerciantes viviam e trabalham no mesmo espaço, integrando oficinas, lojas e residências em uma

única estrutura (BONINI, 2009). A separação rígida entre "casa" e "trabalho" surgiu apenas com a Revolução Industrial, quando fábricas e escritórios se distanciaram fisicamente do lar, consolidando a noção moderna de privacidade.

No entanto, o século XXI testemunhou um retorno a essa integração, impulsionado por avanços tecnológicos e mudanças no mercado de trabalho. A popularização do home office, acelerada pela pandemia de COVID-19, transformou residências em escritórios improvisados, desafiando a organização tradicional dos espaços.

Edifícios híbridos (figura 5), como os discutidos por Tramontano (2003), exemplificam essa tendência. Projetos como os da *WeLive* (EUA) ou *Tribe* (Brasil) combinam moradia com áreas de *coworking*, lavanderias compartilhadas e serviços de portaria, replicando dentro de um único prédio a infraestrutura antes dispersa pela cidade. Esses modelos atendem a profissionais

nômades, freelancers e *millennials*, que buscam praticidade e redução de custos.

Figura 5: Edifício *WeLive*, Arlington, EUA



Fonte:

<https://www.perkinseastman.com/projects/we-work-welive/>

Esse modelo, que se propaga em contextos urbanos, tenta atender às novas demandas de modos de vida mais dinâmicos e multifuncionais, em que morar e trabalhar se entrelaçam.

Entretanto, Tramontano (2003) alerta

que essa solução cria uma realidade artificial, na qual o cotidiano dos moradores é deslocado do espaço público e da vida urbana tradicional. Ao oferecer todos os serviços internamente, esses edifícios acabam por reforçar o isolamento e reduzir a participação ativa dos indivíduos no tecido social da cidade.

Trabalhar em casa, por sua vez, oferece diversas vantagens, como a redução do tempo gasto com deslocamentos urbanos, proporcionando melhor qualidade de vida. A possibilidade de maior convivência familiar e a flexibilidade de horários também permitem rotinas mais adaptáveis às necessidades individuais. No entanto, essa modalidade de trabalho apresenta desafios importantes, como o risco de isolamento social e a sensação de solidão, fatores que podem comprometer tanto o bem-estar emocional quanto a produtividade dos indivíduos.

A reintegração entre trabalho e lar é, portanto, uma resposta às demandas por flexibilidade, mas exige reflexão sobre seus impactos sociais. O espaço doméstico do futuro não será apenas um local de descanso, mas um ecossistema multifuncional, desde que projetado para evitar a fragmentação da vida em comunidade.

2.3. ENTENDENDO O COLIVING

O *coliving* surgiu como um modelo habitacional inovador que redefiniu os conceitos tradicionais de moradia, trabalho e comunidade. Diferente do *cohousing* (modelo colaborativo onde os próprios moradores participam ativamente da concepção e gestão do espaço) o *coliving* opera sob um modelo empresarial, onde startups e empresas especializadas administram espaços compartilhados oferecendo contratos flexíveis e serviços integrados. Para Machado (2019) Essa distinção é fundamental: enquanto o

cohousing tem caráter permanente e comunitário, o *coliving* atrai principalmente um público jovem e móvel, como nômades digitais e profissionais que valorizam flexibilidade e conveniência.

Na prática, empresas transformaram o conceito em negócios escaláveis. Seus modelos compartilham características comuns: contratos curtos e flexíveis (de semanas a meses), mobília inclusa, serviços compartilhados e uma programação regular de eventos sociais. Essa combinação de conveniência e comunidade é precisamente o que atrai seu público-alvo - profissionais urbanos que buscam não apenas um lugar para morar, mas um estilo de vida.

2.3.1. FATORES IMPULSIONADORES

Entre os diversos elementos que impulsionam o modelo de *coliving*, dois aspectos se destacam por revelarem transformações significativas na sociedade atual. O primeiro diz respeito à mudança nos padrões de consumo material. Conforme análise de Carneiro e Carneiro (2017), a crise financeira de 2008 acelerou uma rejeição ao acúmulo de bens como símbolo de status, especialmente entre millennials e a Geração Z. Essas gerações passaram a valorizar mais experiências e acesso do que propriedade tradicional, criando um terreno fértil para aceitação de moradias compartilhadas.

Outro fator determinante está nas transformações do mercado de trabalho. Como observado por Oliveira (2012), o crescimento do trabalho remoto e da economia digital gerou uma nova classe de profissionais que demandam mobilidade e flexibilidade geográfica. O *coliving* surge como resposta orgânica a

a essa necessidade, oferecendo espaços que integram moradia e ambiente de trabalho de forma dinâmica, atendendo especialmente a nômades digitais e jovens profissionais.

Em síntese, esses dois eixos demonstram como o *coliving* representa mais que uma tendência passageira. Trata-se de uma resposta concreta às profundas transformações que estão reconfigurando nosso modo de habitar as cidades, combinando eficiência espacial com adaptabilidade às necessidades contemporâneas. Sua crescente adoção reflete a capacidade de atender demandas emergentes em um contexto de mudanças estruturais na sociedade.

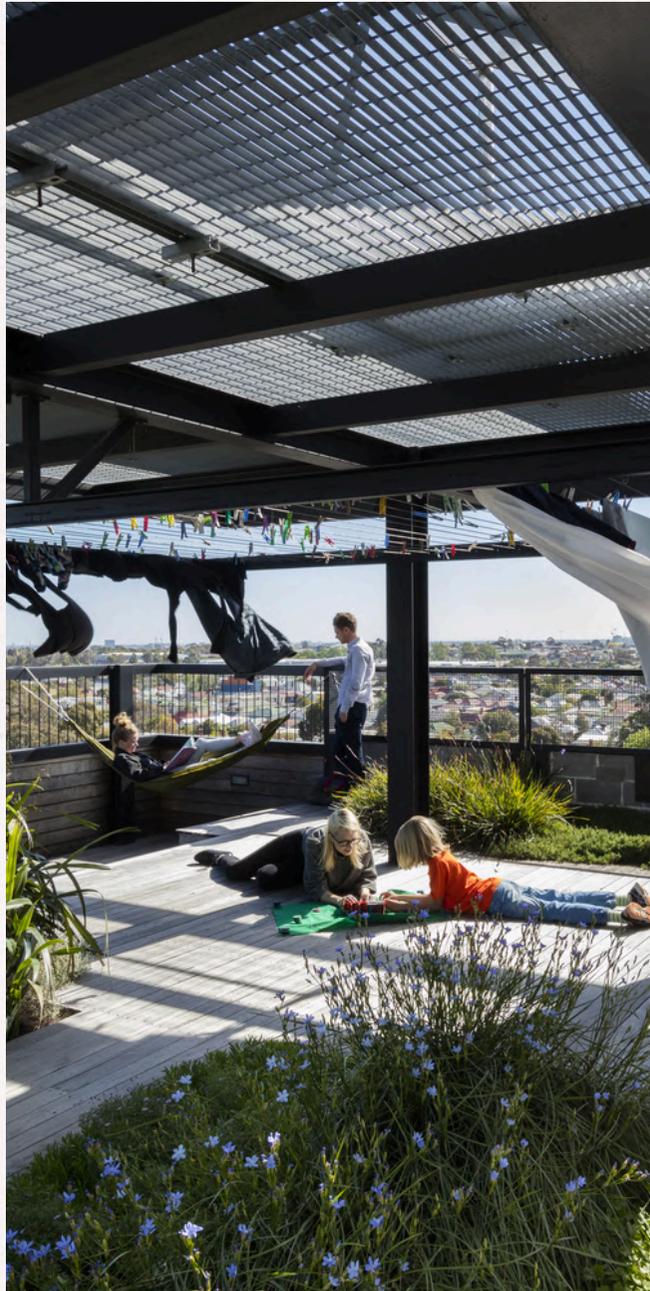
3. PRINCÍPIOS PROJETUAIS PARA INTERAÇÃO SOCIAL

A arquitetura de *colivings* deve promover ativamente a interação social através de soluções espaciais inteligentes. Como demonstra Horelli (2013), os espaços compartilhados são fundamentais para criar comunidades coesas, indo além de sua função prática para se tornarem arenas de convívio. Este capítulo explora estratégias projetuais baseadas em pesquisas empíricas, organizadas em três eixos principais.

3.1. ESTUDO DE CASO: A PESQUISA DE LIISA HORELLI NA FINLÂNDIA

A pesquisa de Liisa Horelli (2013), desenvolvida ao longo de 30 anos em uma comunidade de cohousing nos arredores de Helsinki, revela o papel crítico dos espaços compartilhados

Figura 06 - Edifício *The Commons*, Austrália



Fonte: Archdaily, 2019

(figura 6) na manutenção da vida comunitária. Seu estudo ganhou profundidade inesperada quando, entre 1985 e 1995, um incêndio destruiu o edifício central que abrigava as principais áreas comuns. Esse evento transformou-se em um "experimento natural" sobre o impacto da ausência desses espaços.

Durante os dez anos sem a estrutura compartilhada, Horelli observou uma deterioração gradual das interações. As refeições coletivas, antes frequentes, tornaram-se esporádicas; as crianças, que brincavam juntas diariamente, passaram a se encontrar com menos frequência; e as famílias, que antes compartilhavam tarefas cotidianas, começaram a organizar suas rotinas de forma independente. Quando o espaço foi reconstruído em 1996, os padrões de convívio não retornaram aos níveis anteriores. A comunidade, que antes funcionava como um organismo integrado, passou a se assemelhar mais

a um condomínio convencional, com interações limitadas a eventos esporádicos.

Horelli identificou três funções essenciais desses espaços:

- **Arena** – onde atividades cotidianas se tornam oportunidades de convívio;
- **Símbolo** – representação física dos valores coletivos;
- **Regulador** – mediador entre a vida privada e a comunitária.

O estudo mostra que espaços compartilhados não são apenas infraestrutura, mas parte constitutiva da dinâmica social. Sua ausência não apenas dificulta a interação, mas altera permanentemente a maneira como as comunidades se relacionam. Para projetos de *coliving*, isso sugere que o design deve ir além da funcionalidade, criando ambientes que incentivem a apropriação contínua desses espaços pelos moradores.

3.2. MEDIAÇÃO SOCIAL

A pesquisa de Jo Williams (2005) em comunidades de cohousing na Califórnia oferece diretrizes valiosas para o projeto de espaços compartilhados em colivings. Seu estudo comparativo entre duas comunidades com perfis distintos revelou padrões consistentes sobre como o desenho arquitetônico pode estimular (ou inibir) a interação social.

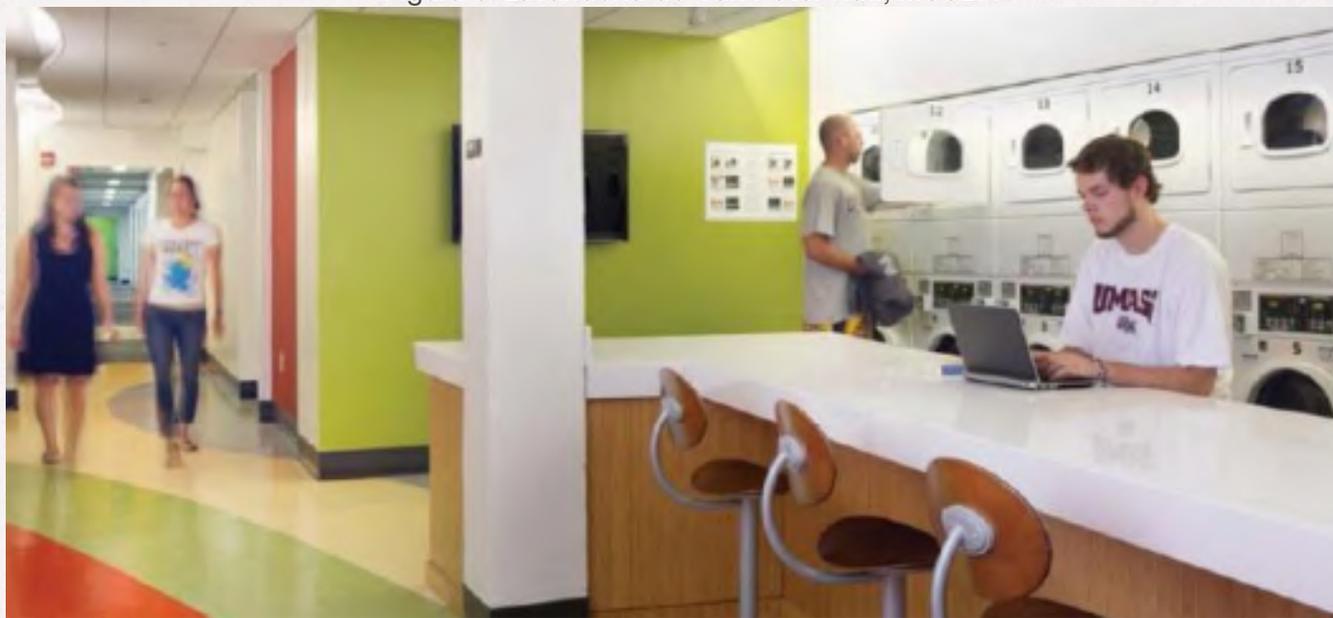
Um dos achados mais significativos refere-se ao posicionamento e visibilidade dos espaços comuns. Ambientes localizados em pontos centrais de circulação, com boa permeabilidade visual (figura 7), registraram 40% mais interações espontâneas. A simples possibilidade de "ver e ser visto" mostrou-se crucial para reduzir barreiras psicológicas à socialização.

Figura 7: Coliving Largo do Arouche



Fonte: Todos Arquitetura, 2019.

Figura 8: Lavanderia do Van Peter Hall, MSCBA.



Fonte: Nugent, 2012

Em contraste, espaços isolados ou de difícil acesso eram subutilizados, mesmo quando bem equipados.

A transição entre público e privado emergiu como outro fator determinante. Comunidades que incorporavam áreas intermediárias como halls semiprivados com assentos aconchegantes ou varandas compartilhadas, apresentavam maior fluidez nas interações. Esses espaços de "limiar" permitiam que os moradores

controlassem seu nível de exposição social, participando gradualmente da vida coletiva. Já em ambientes com transição abrupta (como corredores estreitos que levavam diretamente a unidades privativas), observou-se maior isolamento.

O dimensionamento adequado mostrou-se igualmente relevante. Espaços muito amplos geravam desconforto e sensação de vazio, enquanto os

excessivamente compactos limitavam as atividades possíveis. A solução ideal, segundo Williams (2005), está em criar ambientes moduláveis que possam ser reconfigurados conforme a ocasião - por exemplo, salas com divisórias móveis ou mobiliário adaptável.

Casos práticos ilustram esses princípios:

- Cozinhas compartilhadas promoveram 3x mais interações que cozinhas privativas, transformando refeições em eventos sociais.
- Lavanderias integradas a áreas de lazer (com jogos ou jardins adjacentes) tornaram-se polos de convívio em 78% dos casos estudados (figura 8).
- Circulações amplas com bancos estrategicamente posicionados dobrou a ocorrência de conversas casuais entre moradores.

O trabalho de Williams (2005) demonstra que pequenas decisões projetuais têm

impacto desproporcional na vida social. A chave está em entender os espaços compartilhados não como meros acessórios, mas como ferramentas ativas de mediação das relações humanas, estratégia que permanece relevante para *colivings* contemporâneos, mesmo em contextos urbanos e tecnológicos distintos dos estudados na Califórnia dos anos 2000

3.3. TECNOLOGIA COMO ALIADA DO CONVÍVIO

Na era digital, os *colivings* enfrentam o desafio de conciliar interações online e presenciais. Como mostra Nugent (2012), há um paradoxo interessante: embora a maioria dos residentes (70%) utilize ativamente dispositivos digitais nas áreas comuns, uma porcentagem ainda maior (80%) aproveita esses mesmos espaços para discutir posteriormente, pessoalmente, os

conteúdos acessados online. Esse comportamento sugere que, longe de substituir as interações presenciais, a tecnologia está criando novas camadas de sociabilidade.

Soluções inovadoras têm surgido para potencializar essa sinergia entre o digital e o físico, onde espaços híbridos combinam Wi-Fi de alta velocidade com zonas de desconexão voluntária (figura 9), equilibrando uso digital e convívio presencial. Mobiliário adaptável (como mesas reconfiguráveis) permite até 12 usos diferentes por ambiente, enquanto painéis digitais e apps facilitam a organização coletiva. Essas soluções, quando bem implementadas, transformam a tecnologia em ponte para conexões reais.

A pesquisa sugere que o desafio não está em combater a tecnologia, mas em domesticá-la para servir ao convívio. Os espaços mais bem sucedidos foram

aqueles que entenderam os dispositivos digitais não como rivais, mas como facilitadores de conexões presenciais. Como observa Nugent (2012, p.15), "a arquitetura do século XXI deve ser tão fluida quanto os fluxos de atenção de seus usuários", criando ambientes que alternam sabiamente entre estímulos digitais e convites ao olho no olho.

Figura 9: Espaço de conectividade, Housi *coliving*



Fonte: Housi, 2019

4. ANÁLISE DE CORRELATOS

Para a elaboração deste trabalho, foi realizada a análise de referências projetuais que apresentam soluções alinhadas às premissas do *coliving*. A seleção dos projetos ocorreu de forma contínua, sendo realizada antes e durante o processo de concepção, e revisitada à medida que as discussões do trabalho se aprofundaram.

Foram considerados alguns aspectos centrais nas análises: o programa arquitetônico, a configuração dos espaços compartilhados, a relação entre áreas privadas e coletivas, os sistemas construtivos e as estratégias de conforto ambiental e tecnológico. A partir dessas referências, buscou-se identificar soluções que contribuíssem tanto para a definição dos conceitos norteadores quanto para a organização do programa

e necessidades e as principais decisões arquitetônicas da proposta.

Os projetos selecionados pertencem à tipologia do *coliving* contemporâneo e estabelecem uma relação direta com o modo de vida dos seus usuários, especialmente no que diz respeito à flexibilidade espacial, ao estímulo à convivência e ao uso integrado da tecnologia.

4.1. EDIFÍCIO AMATA

FICHA TÉCNICA

- Localização: Vila Madalena, São Paulo (SP);
- Autores: Triptyque Architecture + AMATA (2017);
- Área do terreno: 1.025 m²;
- Área construída: 4.700 m²;
- Tipologia: Uso misto – *coworking*, *coliving*, restaurante.

PROGRAMA E USOS

O edifício (figura 10) de 13 pavimentos propõe uma combinação de espaços de *coworking*, *coliving* e áreas comerciais, como restaurantes. Essa integração visa atender a um público jovem, urbano e conectado, oferecendo uma experiência de moradia que une trabalho, lazer e convivência em um único local.

SOLUÇÕES PARA A CONVIVÊNCIA

A silhueta escalonada do edifício permite a criação de terraços e varandas em diferentes níveis, promovendo espaços de encontro e interação entre os moradores. A integração com a topografia acidentada da Vila Madalena cria um passeio arquitetônico que estimula a convivência e o senso de comunidade.

Figura 10: Edifício AMATA



Fonte: Triptyque Architecture, 2017

O projeto recebeu reconhecimento pelo seu compromisso com a sustentabilidade e foi premiado no 5º Prêmio *Saint-Gobain* de Arquitetura Sustentável.

TECNOLOGIA E SUSTENTABILIDADE

A utilização do CLT como principal material estrutural destaca-se por sua sustentabilidade, reduzindo a pegada de carbono da construção. Além disso, o projeto incorpora vegetação nas fachadas (figuras 11 e 13) e áreas comuns, promovendo conforto térmico e qualidade ambiental. A escolha de materiais biológicos e a integração com a paisagem urbana (figura 12) refletem uma abordagem consciente e inovadora da arquitetura.

CONSIDERAÇÕES

O edifício da Triptyque inspira nossa proposta de coliving através de três aspectos principais. Seus terraços e varandas escalonadas, que criam dinâmicas visuais entre os níveis, serão adaptados para promover encontros casuais entre residentes, transformando circulações em espaços de convívio. A vegetação integrada em diferentes alturas será reinterpretada com zonas de trabalho externas e hortas urbanas, valorizando o contato com a natureza. Por fim, o mix de usos original - combinando residência, coworking e comércio - será expandido com espaços flexíveis como salas de streaming e cafés colaborativos, atendendo às necessidades dinâmicas dos nômades digitais. Essas premissas criam um ambiente adaptável, onde os limites entre individual e coletivo se tornam fluidos.



Fonte: Triptyque Architecture, 2017

4.2. ROAM COLIVING

FICHA TÉCNICA

- Localização: Ubud, Gianyar, Bali, Indonésia
- Ano de conclusão: 2015
- Área construída: 1.750 m²
- Arquitetura: Alexis Dornier
- Construção: Surya Kembar Properti
- Cliente: Roam Coliving.

PROGRAMA E USOS

O projeto consistiu na transformação de três edifícios de apartamentos degradados em um espaço de *coliving* que integra áreas privadas e coletivas. O programa inclui quartos individuais (figura 14), áreas de *coworking* (figura 15), cozinha comunitária (figura 16), bar, restaurante, lounge, piscina central e espaços de convivência ao ar livre. Essa configuração visa atender a nômades digitais e profissionais remotos que buscam uma experiência de vida comunitária e flexível.

Figura 14: Quarto individual do ROAM



Fonte: Alexis Dornier, 2015

Figura 15: Coworking do ROAM.



Fonte: Alexis Dornier, 2015

Figura 16: Cozinha compartilhada e bar de ROAM.



Fonte: Alexis Dornier, 2015

SOLUÇÕES PARA A CONVIVÊNCIA

A estrutura foi redesenhada para promover a interação entre os moradores, com a criação de um pátio interno central (figura 17) e a adição de passarelas e decks (figura 18) que conectam os edifícios. A cobertura unificada abriga os espaços compartilhados, enquanto a vegetação abundante e os materiais naturais criam um ambiente acolhedor e propício ao convívio.

A planta baixa distribui três blocos residenciais ao redor de um pátio central com piscina (figura 19), área verde e espaços de convivência, promovendo integração visual e física entre as unidades e os ambientes comuns. As circulações externas, compostas por passarelas, varandas e escadas abertas, favorecem a ventilação natural e criam fluxos informais de encontro entre os moradores. As unidades habitacionais, requalificadas a partir de apartamentos existentes, são organizadas como suítes privadas, com aproximadamente 18 a 25 m², compostas por dormitório, banheiro individual, bancada de trabalho e, em alguns casos, varanda. Não há cozinhas privativas; as refeições são realizadas em uma cozinha compartilhada totalmente equipada, reforçando a vivência coletiva.

Figura 17: Diagrama do edifício. Fonte: Alexis Dornier, 2015.

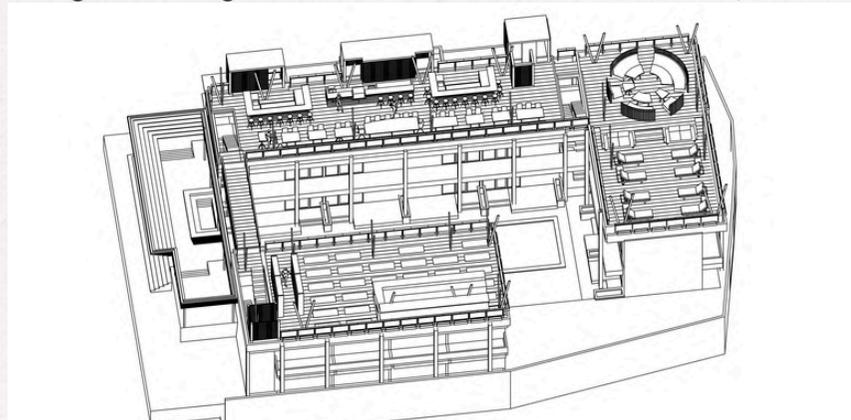


Figura 18: Passarelas de circulação. Fonte: Alexis Dornier, 2015.



Figura 19: Planta baixa pav. 01. Fonte: Alexis Dornier, 2015.



TECNOLOGIA

O projeto priorizou a reutilização da estrutura existente, minimizando o uso de novos materiais e reduzindo o impacto ambiental. Foram incorporados materiais locais e sustentáveis, como bambu e aço leve (figura 20), além de soluções passivas para ventilação e iluminação natural. A integração da vegetação (figura 21) contribui para o conforto térmico e a qualidade ambiental dos espaços.

CONSIDERAÇÕES

O *Roam Coliving* é alinhado às necessidades dos nativos digitais. A flexibilidade espacial, a ênfase na comunidade e o uso consciente de recursos tornam o projeto uma referência valiosa para propostas de *coliving* em contextos urbanos. No entanto, o fato de as unidades habitacionais serem extremamente compactas e não contarem com uma copa ou cozinha de apoio compromete significativamente a autonomia dos moradores.

Figura 20: *ROAM COLIVING* com foco para a materialidade da estrutura.



Fonte: Alexis Dornier, 2015

Figura 21: Presença da vegetação nativa no *ROAM COLIVING*.



Fonte: Alexis Dornier, 2015

4.3. THE COMMONS

FICHA TÉCNICA

- Localização: Brunswick, Melbourne, Austrália
- Ano de conclusão: 2013
- Arquitetura: *Breathe Architecture*
- Desenvolvedor: *Small Giants*
- Tipologia: Uso misto
- Unidades: 24 apartamentos, 2 estúdios de artistas, café e espaço comercial no térreo

PROGRAMA E USOS

O *The Commons* (figura 22) é concebido como uma "comunidade vertical", integrando residências, espaços comerciais e áreas comuns que promovem a interação entre os moradores. O programa inclui 24 apartamentos residenciais, dois estúdios de artistas e um café no térreo, além de áreas comuns como lavanderia compartilhada, hortas comunitárias (figura 23) e espaços de convivência no terraço (figura 24).

Figura 22: O edifício



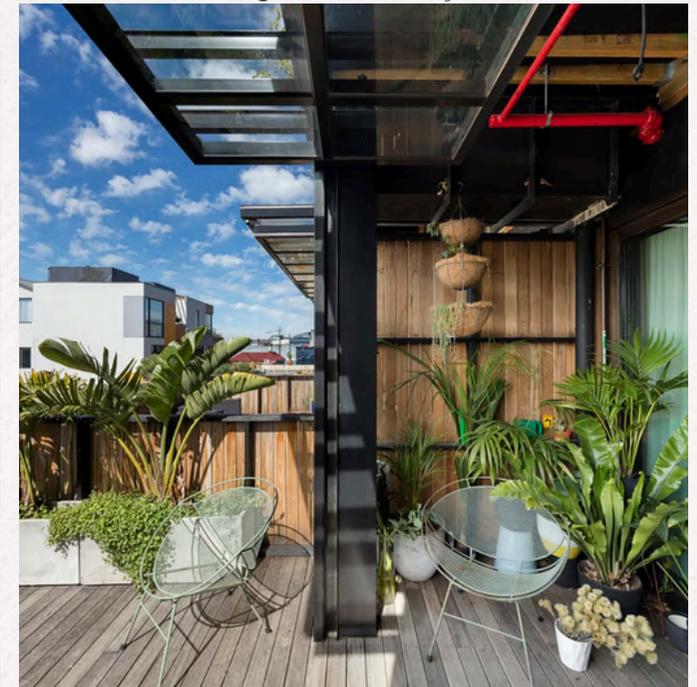
Fonte: *Breathe Architecture*, 2014

Figura 23: Horta comunitária



Fonte: *Breathe Architecture*, 2014

Figura 24: Terraço.



Fonte: *Breathe Architecture*, 2014

SOLUÇÕES PARA A CONVIVÊNCIA

A arquitetura do The Commons enfatiza a criação de uma comunidade, com espaços que incentivam o encontro e a interação entre os moradores (figuras 25 e 26). O terraço comum abriga hortas urbanas, lavanderia compartilhada e áreas de lazer, promovendo o senso de comunidade. A ausência de garagens e a ênfase em transporte sustentável, como bicicletários e parcerias com serviços de revezamento de carros, reforçam o compromisso com a sustentabilidade e a vida comunitária.

TECNOLOGIA E SUSTENTABILIDADE

O projeto adota uma abordagem de "construir mais com menos", utilizando materiais reciclados e de baixo impacto ambiental, como tijolos reaproveitados e madeira certificada. Soluções sustentáveis incluem painéis solares, aquecimento de água por energia solar, sistemas de coleta de água da chuva e ventilação natural.

CONSIDERAÇÕES

O edifício apresenta uma abordagem inovadora de habitação urbana, priorizando a sustentabilidade, a acessibilidade e a vida comunitária. A integração de espaços compartilhados e a ênfase na interação social oferecem um modelo replicável para projetos de *coliving* em contextos urbanos. No entanto, a ausência de garagens pode não ser adequada para todos os contextos urbanos, especialmente em áreas com infraestrutura de transporte público limitada.

Figuras 25: Horta comunitária. Fonte: Breathe Architecture, 2014



Figuras 26: Cozinha compartilhada. Fonte: Breathe Architecture, 2014

INFLUÊNCIA DOS CORRELATOS NO PROJETO

EDIFÍCIO AMATA



- Protagonismo dos terraços e das varandas;
- Espaços ao ar livre em diferentes níveis, como potencializador da presença da vegetação na edificação;
- Mix de usos.

ROAM COLIVING



- Visibilidade e funcionalidade dos espaços comuns;
- Estrutura como elemento estético e forma dos pilares.

THE COMMONS



- Relação entre o privado e o comum, promovendo a vida em comunidade;

5. ESTUDOS PROJETUAIS INICIAIS

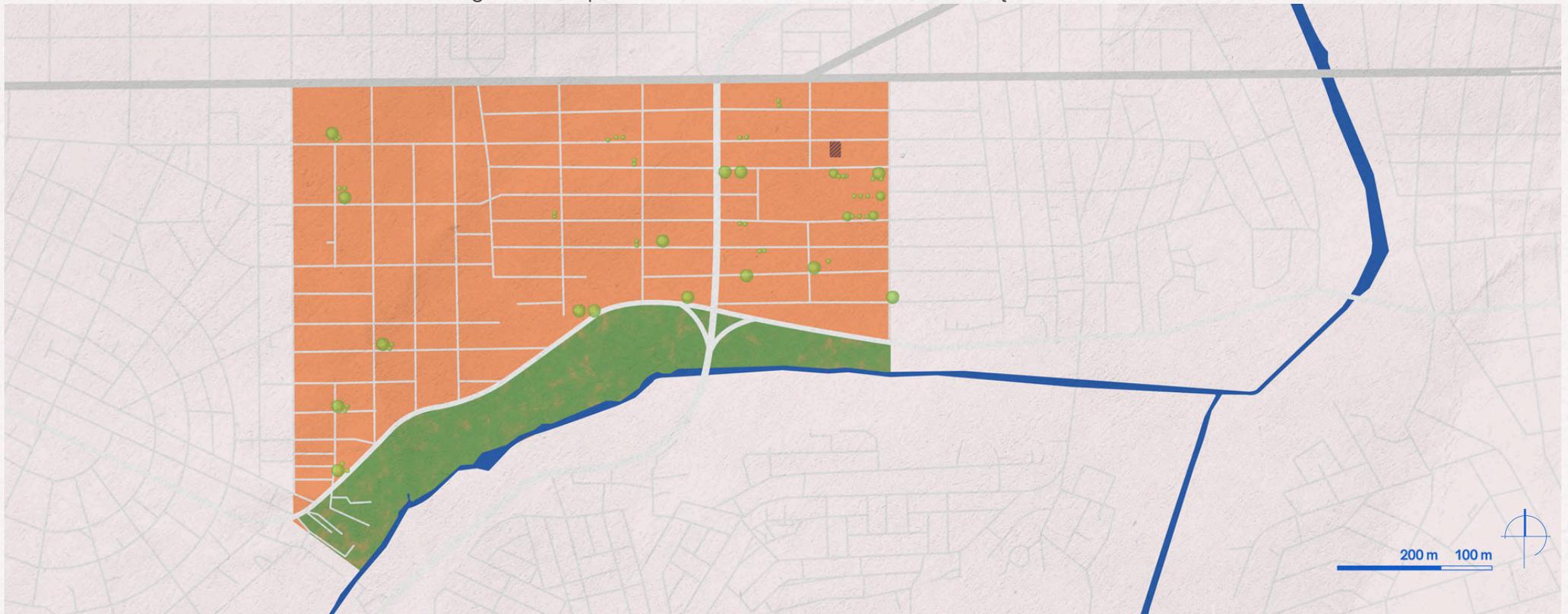
5.1. O LOCAL

O bairro Tambauzinho (figura 27), localizado na cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, está situado na zona leste do Município e se

Destaca por sua posição estratégica entre bairros consolidados como Tambaú, Manaíra, Torre e Centro. De ocupação urbana predominante residencial, Tambauzinho também se destaca por sua proximidade com eixos estruturais como a Avenida Eptácio Pessoa e a Avenida Beira-Rio, além de estar a poucos minutos do litoral e de marcos urbanos como o Espaço Cultural

José Lins do Rêgo. Esses fatores fazem do bairro um território urbano de grande potencial para projetos que valorizam a mobilidade, a convivência comunitária e o fácil acesso aos serviços essenciais e às áreas de lazer da cidade.

Figura 27: Mapa do bairro de Tambauzinho com destaque no lote.



Fonte: base de dados da prefeitura de João Pessoa, editado pela autora.

5.1.1. O LOTE

A escolha do lote específico para a implantação do coliving em Tambauzinho se justifica não apenas pela localização estratégica do bairro, mas também pelas condições urbanas e físicas do terreno. Situado em uma rua tranquila, com baixa intensidade de tráfego, o lote proporciona um ambiente favorável ao convívio e à permanência, características centrais à proposta do coliving. Sua proximidade com corredores viários como a Avenida Epitácio Pessoa e a Avenida Maranhão garante fácil acesso a diferentes partes da cidade, tanto por transporte público quanto por bicicleta ou automóvel. O terreno possui dimensões adequadas para abrigar uma edificação de médio porte com usos mistos, permitindo a distribuição racional entre áreas privativas e espaços coletivos. Além disso, apresenta topografia praticamente plana, o que facilita a implantação e reduz custos com infraestrutura. A presença de serviços essenciais no entorno imediato (figura

Figura 28: Mapa do bairro de Tambauzinho com destaque no lote.



Fonte: base de dados da prefeitura de João Pessoa, editado pela autora.

28) favorece uma vida cotidiana prática e autônoma para os moradores. Por fim, o lote encontra-se próximo a equipamentos culturais e áreas verdes, como o Espaço Cultural José Lins do Rêgo, reforçando a ideia de um morar urbano, acessível e conectado com a cidade.

Essa combinação de acessibilidade, infraestrutura e potencial comunitário torna o local ideal para um *coliving* contemporâneo, atendendo nômades digitais e jovens profissionais que buscam praticidade com qualidade de vida urbana.

Figura 29: O lote.

A implantação do projeto está condicionada às diretrizes estabelecidas pelo Plano Diretor Municipal e pelo Código de Urbanismo de João Pessoa. O lote (figura 29) em questão está inserido em uma zona urbana consolidada, classificada como ZH-1 (Zona Habitacional 1). Nessa zona, aplicam-se os seguintes parâmetros urbanísticos: taxa de ocupação máxima de 50% e taxa mínima de permeabilidade de 10%. Os recuos obrigatórios são: frontal de 5,00 metros, laterais de 1,50 metro até o 3º pavimento, passando a 3,00 metros no 4º pavimento e aumentando progressivamente conforme a altura da edificação, seguindo a fórmula $3,00 + [(N-4) \times 0,30]$, onde N representa o número total de pavimentos. O mesmo critério de recuo progressivo é aplicado ao recuo de fundos, que é de 3,00 metros até o 4º pavimento, aumentando na mesma proporção para pavimentos adicionais. Essas condicionantes definem os limites volumétricos da edificação, promovendo melhor desempenho ambiental, conforto urbano e integração com o entorno.



QUADRO SÍNTESE DE CONDICIONANTES LEGAIS

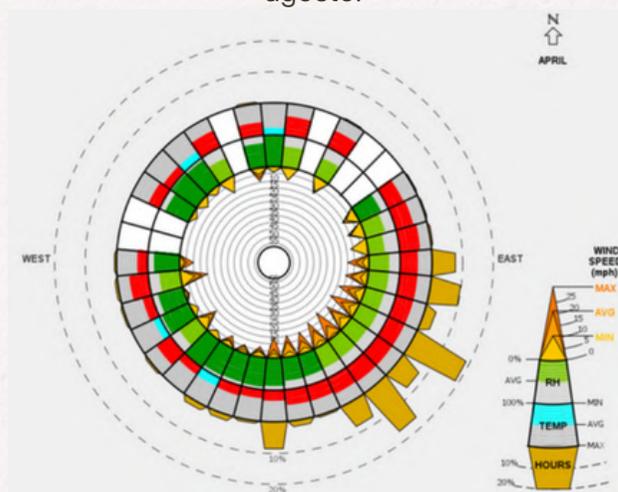
ZONA	ÁREA	T.O.	RECUOS
ZH-1	670,24 m ²	50%	Frontal: 5,00 Lateral: Até 3º PV = 1,50 4º PV = 3,00 DE = $3,00 + [(N-4) \times 0,30]$ Fundos: até 4º PV = 3,00 DE = $3,00 + [(N-4) \times 0,30]$
TAXA DE PERMEABILIDADE	MACROZONEAMENTO		
10%	Macrozona Adensável 1		

Fonte: Google Earth, editado pela autora

5.2. CONDICIONANTES CLIMÁTICAS

João Pessoa, capital da Paraíba, possui um clima tropical com estação seca no verão, classificado como As na escala de Köppen-Geiger. Esse tipo climático é caracterizado por temperaturas elevadas ao longo do ano e uma estação chuvosa concentrada entre os meses de março e agosto. Já o período de estiagem, que ocorre principalmente entre setembro e fevereiro, é marcado por menor umidade relativa do ar e precipitações reduzidas.

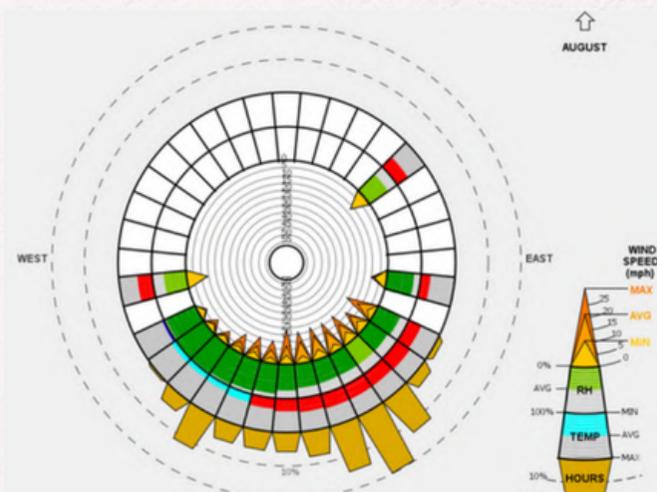
Figura 30 - Rosa dos ventos para o mês de agosto.



Fonte: Climate Consultant 6.0.

Além disso, a análise das cartas solares e dos ventos predominantes em João Pessoa (figuras 30 e 31) revela que a direção dos ventos varia ao longo do ano. Durante a estação chuvosa, os ventos predominantes vêm do sudeste, trazendo umidade e amenizando as temperaturas. Já na estação seca, os ventos tendem a vir do leste, influenciados pela proximidade com o oceano Atlântico. Essas informações são fundamentais para orientar o posicionamento das aberturas e a disposição dos ambientes, maximizando a captação de ventos frescos e garantindo um melhor desempenho

Figura 31 - Rosa dos ventos para o mês de outubro



Fonte: Climate Consultant 6.0.

térmico das edificações.

Essas condicionantes climáticas devem ser integradas ao projeto desde sua concepção, resultando em espaços que respondam ativamente ao contexto ambiental local, reduzindo a dependência de sistemas mecânicos de climatização e promovendo eficiência energética. A compreensão detalhada desses parâmetros permite criar arquiteturas bioclimáticas que harmonizem conforto ambiental e sustentabilidade.

6. PROGRAMAÇÃO ARQUITETÔNICA

6.1. PROBLEM SEEKING

A matriz de *Problem Seeking*, desenvolvida por William Peña e Steven Parshall (2001), é uma ferramenta metodológica que organiza a análise de projetos em cinco dimensões essenciais: função (atividades e usos do espaço), forma (características físicas e espaciais), economia (viabilidade financeira e sustentabilidade), tempo

(etapas de desenvolvimento e adaptações futuras) e contexto (integração com o entorno físico, cultural e social). Essa abordagem estruturada garante que as soluções sejam eficazes, contextualizadas e alinhadas às necessidades dos usuários, evitando propostas superficiais ou desconectadas da realidade.

A matriz de *Problem Seeking* serviu como ferramenta fundamental para a definição das questões prioritárias no

desenvolvimento do projeto. A partir dela, o resultado aponta para uma edificação conectada, capaz de acolher pessoas de diversas partes do mundo e de fomentar a vida em comunidade. O projeto propõe um espaço que ofereça estadias de curta duração, atendendo a um perfil dinâmico de usuários, e que, ao mesmo tempo, reforce os princípios do coliving, promovendo interação social, compartilhamento de recursos e fortalecimento do senso de comunidade entre seus residentes.

	OBJETIVOS	FATOS	CONCEITOS	NECESSIDADES	PROBLEMAS
FUNÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> Necessidades de jovens profissionais + interações interpessoais; Aproximar o usuário da rua. 	<ul style="list-style-type: none"> Perfil do usuário; Condicionantes legais; 	<ul style="list-style-type: none"> Vida em comunidade; Moradia compartilhada; Residir e empreender. 	<ul style="list-style-type: none"> Espaços comunitários Segregação dos módulos residenciais e de trabalho; Check-in/Check-out; Infraestrutura de tecnologia. 	<ul style="list-style-type: none"> Construção de um <i>coliving</i> para nativos digitais que atenda ao programa de necessidades.
FORMA	<ul style="list-style-type: none"> Alcançar um desenho simples e contemporâneo. A ideia é que o edifício seja inovador mas apropriado. 	<ul style="list-style-type: none"> Legislação; Terreno; Sistema construtivo. 		<ul style="list-style-type: none"> Praças; Módulos habitacionais. 	
ECONOMIA	<ul style="list-style-type: none"> Minimização dos custos de operação; 	<ul style="list-style-type: none"> Automação de processos. 		<ul style="list-style-type: none"> Automação predial. 	<ul style="list-style-type: none"> Construir um edifício que possua baixo custo operacional para manter aluguéis baixos.
TEMPO	<ul style="list-style-type: none"> Projetar um espaço atual que funcione para as necessidades contemporâneas; 	<ul style="list-style-type: none"> Tendências de mercado imobiliário (aumento do interesse por coliving e espaços compartilhados); 	<ul style="list-style-type: none"> Flexibilidade espacial para adaptação a futuras mudanças nas necessidades dos usuários. 	<ul style="list-style-type: none"> Projetar espaços que possam ser facilmente reconfigurados; 	<ul style="list-style-type: none"> Como garantir que o edifício permaneça relevante ao longo dos anos? Como prever e atender a mudanças nas demandas dos usuários?

6.2. PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ DIMENSIONAMENTO

Para definir o programa de necessidades e o pré dimensionamento, o projeto priorizou a criação de espaços que estimulem a convivência entre os moradores, baseado nas pesquisas de Williams (2005), Horelli (2013) e Nugent (2012). Essa proposta se concretiza em três aspectos principais: primeiro, através de áreas intermediárias como varandas e halls de entrada ampliados, que facilitam o encontro casual entre as pessoas; segundo, com espaços coletivos posicionados em locais estratégicos que naturalmente tornam-se pontos de encontro; e terceiro, incorporando tecnologia de forma inteligente, com móveis versáteis e áreas onde as pessoas podem se desconectar dos dispositivos digitais para interagir pessoalmente. Juntos, esses elementos guiaram o projeto dos

espaços, criando um ambiente onde cada detalhe contribui para fortalecer o senso de comunidade.

A aplicação da matriz *Problem Seeking*, complementada pela análise de correlatos, permitiu traduzir esses princípios teóricos em soluções projetuais concretas. Esta dupla abordagem (teórica e comparativa) esclareceu não apenas o tipo de ambientes necessários, mas principalmente como estas áreas devem se relacionar espacial e funcionalmente.

Assim, o programa foi organizado em quatro circuitos interrelacionados, buscando atender às diversas necessidades funcionais e de convivência do *coliving*. O Setor Habitacional é composto por unidades destinadas à moradia de casais e por habitações compartilhadas para duas pessoas, promovendo diversidade tipológica. O Setor de Vivência contempla espaços voltados ao lazer e à interação social dos

moradores, incluindo recepção, área de jogos, espaço para festas, área de lazer ao ar livre, academia, cozinha/refeitório e lavanderia coletiva, estacionamento e banheiros coletivos. Já o Setor Público reúne ambientes de uso compartilhado com maior abertura ao entorno e ao convívio cotidiano, como restaurante, espaço de coworking. Por fim, o Setor de Serviços compreende os ambientes técnicos e de apoio, essenciais para o funcionamento do edifício, como local para depósito de lixo, área de gás, depósito de material de limpeza (DML) e sala do gerador.

Abaixo, é possível ver todos os circuitos e seus dimensionamentos.

QUADRO SÍNTESE DO CIRCUITO HABITACIONAL

TIPOLOGIA	QNT.	ÁREA	Á. TOTAL
UH CASAL	17	35 m ²	595 m ²
UH COMP.	4	40 m ²	160 m ²

QUADRO SÍNTESE DO CIRCUITO PÚBLICO

TIPOLOGIA	QNT.	ÁREA	Á. TOTAL
RESTAURANTE	17	35 m ²	595 m ²
ACADEMIA	4	40 m ²	160 m ²
COWORKING	4	40 m ²	160 m ²

QUADRO SÍNTESE DO CIRCUITO VIVÊNCIA

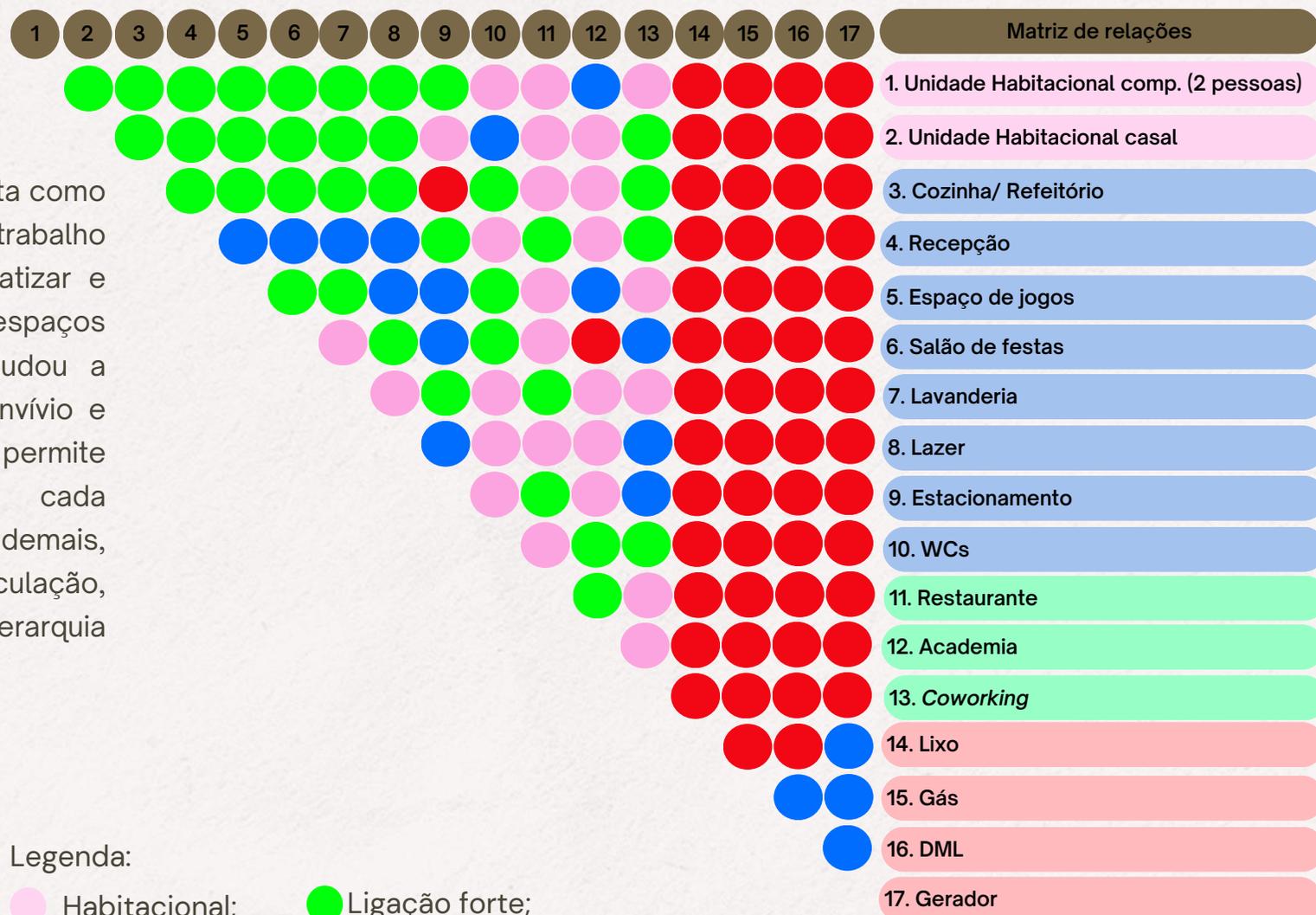
UH CASAL	QNT.	ÁREA	Á. TOTAL
COZINHA + REFEITÓRIO + LAVANDERIA	1	45 m ²	45 m ²
RECEPÇÃO	1	20 m ²	20 m ²
FESTAS	1	95 m ²	95 m ²
LAZER	1	100 m ²	100 m ²
GARAGEM	1	600 m ²	600 m ²

QUADRO SÍNTESE DO CIRCUITO PÚBLICO

TIPOLOGIA	QNT.	ÁREA	Á. TOTAL
GÁS	1	6 m ²	6 m ²
DML	1	6 m ²	6 m ²
LIXO	1	6 m ²	6 m ²
GERADOR	1	6 m ²	6 m ²

6.3. MATRIZ DE RELAÇÕES

A matriz de relações se apresenta como ferramenta fundamental neste trabalho por sua capacidade de sistematizar e otimizar as conexões entre os espaços projetados. No projeto, ela ajudou a atingir um equilíbrio entre o convívio e privacidade. Essa ferramenta permite analisar criticamente como cada ambiente se relaciona com os demais, considerando fluxos de circulação, compatibilidade de usos e hierarquia espacial.



7. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

CONCEITOS

O GINGA é um *coliving* que une vida comunitária, identidade local e design inovador, criando um espaço que reflete valores contemporâneos de convivência e pertencimento. Seu nome traz uma dupla homenagem: primeiro, ao peixe Manjubinha, conhecido como "ginga" no Rio Grande do Norte - pequeno, ágil e sempre em cardume, simbolizando a força da comunidade e da colaboração. Segundo, à ginga brasileira, essa mistura única de ritmo, malícia e adaptabilidade que define nossa cultura.

Sua arquitetura materializa esse conceito através de uma volumetria que traduz movimento e fluidez. As formas do projeto dialogam tanto com a agilidade do peixe quanto com o balanço característico da cultura local, resultando em espaços funcionais que carregam uma narrativa poética. Cada elemento foi pensado para reforçar os laços comunitários sem perder a conexão com o lugar - seja nas referências à paisagem local, seja na organização dos espaços que incentivam o convívio.

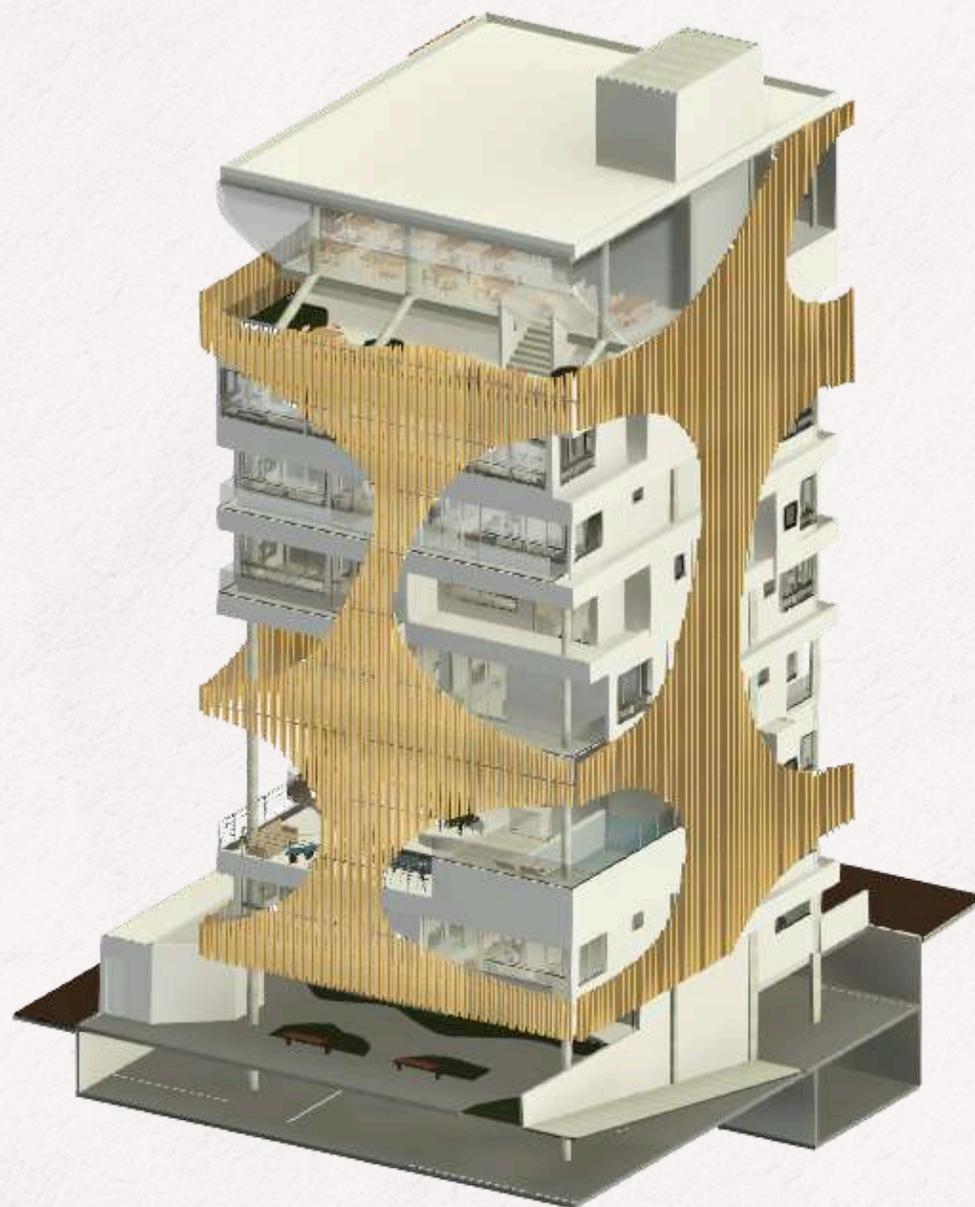


Figura 32: Perspectiva fachada

Fonte: Elaborado pela autora

ORGANIZAÇÃO PROGRAMÁTICA

A definição da volumetria e da organização programática foi guiada pelos estudos de pré-dimensionamento e da matriz de relações, que priorizou a conexão entre os espaços e a fluidez das atividades cotidianas. O objetivo foi criar um ambiente que não apenas atenda às necessidades funcionais, mas também estimule a interação social e a sensação de comunidade, essenciais para o conceito de coliving.

A visibilidade dos espaços comunitários foi um fator central no projeto. Áreas de convivência foram estrategicamente posicionadas para se tornarem pontos de encontro naturais, promovendo a integração entre os residentes. Esses espaços foram concebidos com pés direitos duplos e triplos, criando ritmo dinâmico na volumetria do edifício.

Legenda:

- Público;
- Privativo;
- Cumum.

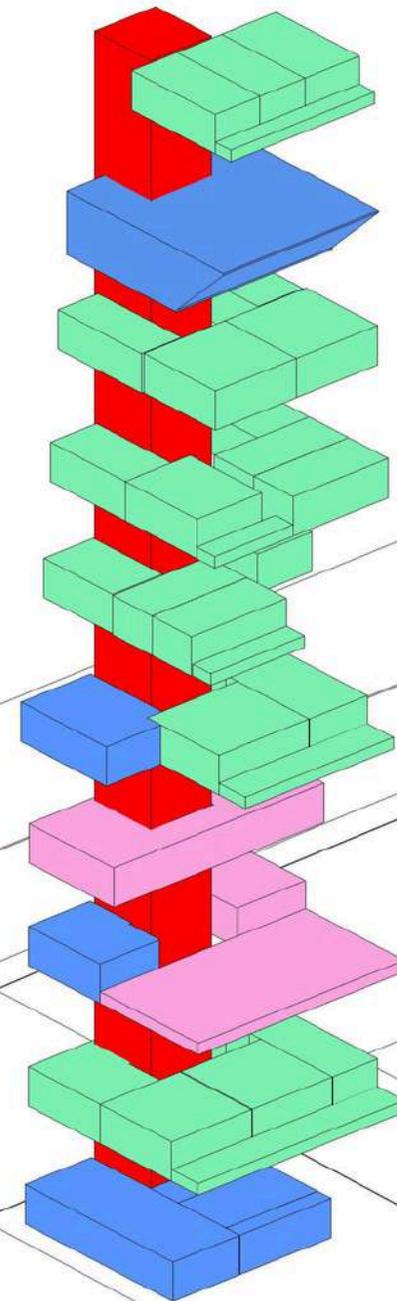


Figura 33: Diagrama de organização programática
Fonte: Elaborado pela autora

FICHA TÉCNICA

- Nome do edifício: *Ginga Coliving*;
- Tipologia: uso misto.
- Localização: Tambauzinho, João Pessoa, PB;
- Área do terreno: 670,24 m²;
- Área construída: 2.897,51 m²;
- Área útil: 1.074 m²;
- Número de pavimentos: 8.

Figura 34: Restaurante GINGA.



Fonte: Autoral.

Figura 35: Coworking do ROAM.



Fonte: Autoral.

ACESSOS

A entrada veicular foi posicionada de forma discreta, integrando-se à volumetria do projeto sem competir com a experiência principal de chegada (figuras 36, 37 e 38). Já a entrada de pedestres foi cuidadosamente como um convite à descoberta, com um caminho mais recluso, rodeado por vegetação nativa, que conduz os visitantes por uma experiência sensorial.

Figura 36: Perspectiva do térreo com foque para os acessos.

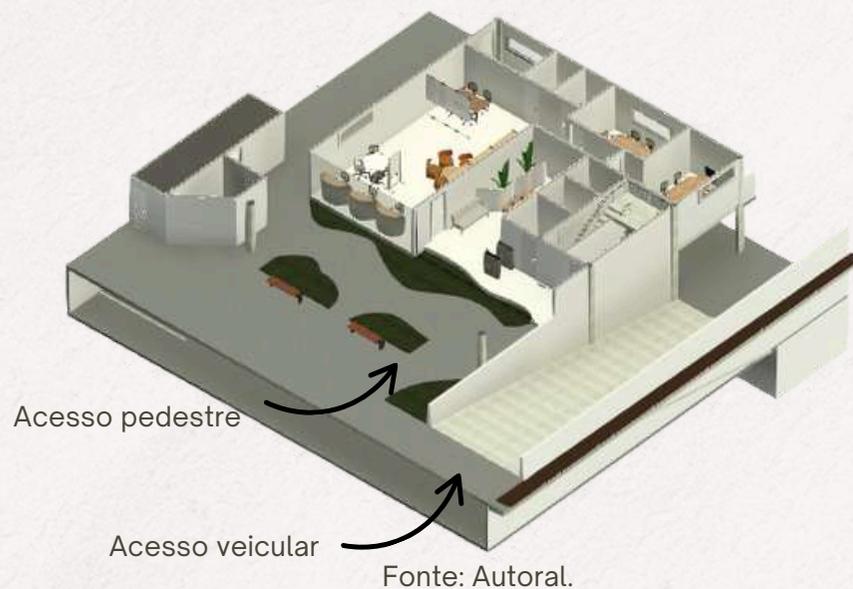


Figura 37: Vista da entrada de pedestres.



Figura 38: Coworking do ROAM.



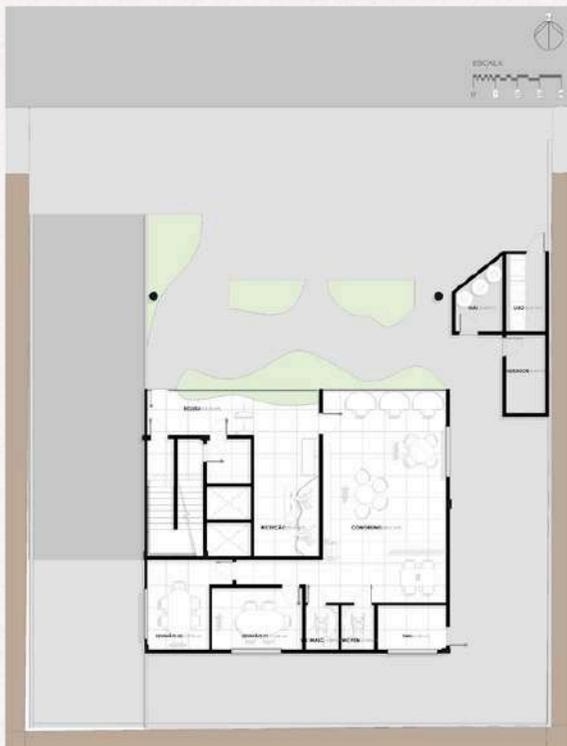
TÉRREO

O acesso principal de pedestres (figuras 39 e 40) ocorre através de uma eclusa equipada com catraca automatizada, que controla o fluxo de entrada. Após passar por este sistema, os usuários são conduzidos naturalmente à recepção, espaço central que distribui os acessos

tanto para os elevadores que servem as unidades habitacionais quanto para o amplo ambiente de *coworking*. Este último, com 89,94m², foi planejado para oferecer diferentes possibilidades de uso, incluindo duas salas de reunião com isolamento acústico, áreas para trabalho colaborativo e cabines individuais destinadas a atividades que exigem maior

concentração. De forma independente, encontra-se a área técnica do edifício, que abriga de maneira funcional os espaços destinados ao armazenamento de gás, depósito de resíduos e instalação do gerador (figura 41).

Figura 39: Planta baixa do térreo.



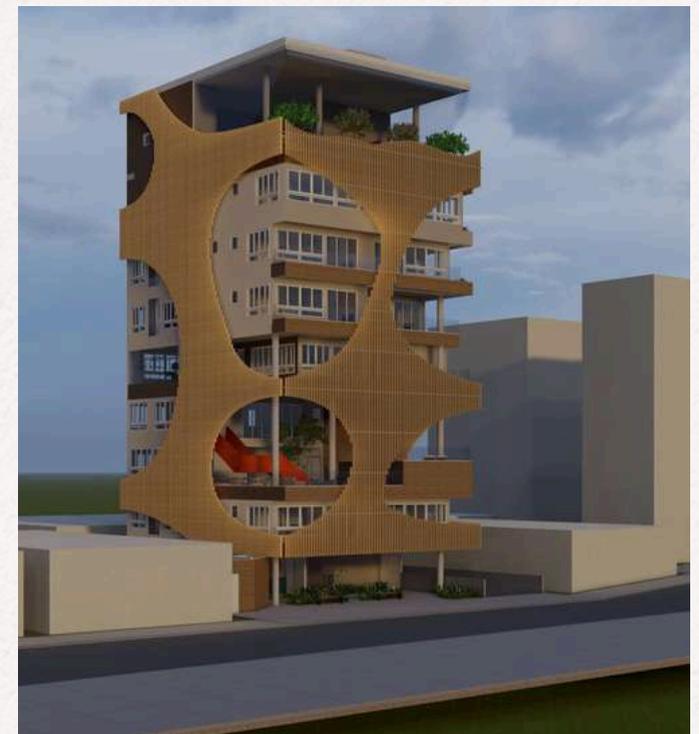
Fonte: Autoral.

Figura 40: Perspectiva do térreo.



Fonte: Autoral.

Figura 41: Imagem fachada.



Fonte: Autoral.

PAV RESIDENCIAL

Os pavimentos 1, 5, 6 e 7 (figuras 42 e 43) abrigam exclusivamente unidades habitacionais que seguem um padrão coerente, com variações sutis que enriquecem a composição arquitetônica. Cada pavimento conta com cinco unidades residenciais distribuídas em três tipologias distintas.

Figura 42: Planta baixa pav. 01



Fonte: Autoral.

A tipologia predominante é a UH Casal padrão, presente em quatro unidades por pavimento, com áreas entre 35m² e 45m². Estas mantêm um layout semelhante, caracterizado pela integração entre sala e quarto, complementados por banheiros de dimensões padronizadas e cozinha de apoio compacta. A principal variação entre estas unidades ocorre nas dimensões das sacadas, criando um ritmo dinâmico nas fachadas.

Destaca-se ainda a UH Casal com mezanino, que em seus 40m² organiza os espaços verticalmente: o nível inferior acomoda a área social e cozinha de apoio com lavabo, enquanto o mezanino superior concentra a suíte com banheiro completo.

Completa o conjunto a UH Compartilhada para duas pessoas, também com 40m², que apresenta uma configuração diferenciada. Esta unidade divide-se em dois quartos individuais separados por

Figura 43: PERSPECTIVA PAV. 01



Fonte: Autoral.

paredes de *drywall*, oferecendo flexibilidade para futuras adaptações, que compartilham um banheiro em formato de semi suíte. Esta é a única tipologia que incorpora divisórias internas além do banheiro, garantindo maior privacidade aos moradores sem comprometer a presença da cozinha de apoio e área de estar comuns.

Todos os pavimentos seguem esta mesma lógica organizacional, variando apenas nas características das sacadas, que foram cuidadosamente dimensionadas para criar um jogo volumétrico harmonioso na fachada do edifício.

PAVIMENTO 2

O segundo pavimento (figura 44) consolida-se como o coração social do edifício, reunindo áreas de lazer e serviços compartilhados (figuras 45, 46 e 47), além de complementar o mezanino do pavimento inferior.

Seguindo os princípios de Williams (2005), a cozinha, o refeitório e a lavanderia foram integrados em um único espaço fluido, promovendo interações espontâneas e otimizando o uso cotidiano.

O refeitório expande sua funcionalidade com mesas que se conectam às áreas de lazer quando o espaço está aberto, criando um ambiente dinâmico para refeições e encontros informais. A piscina e os espaços de jogos complementam a proposta de convívio, enquanto uma sacada mais reclusa, protegida pela escada externa que leva ao salão de festas, oferece um contraponto de tranquilidade.

Figura 44: Planta baixa pav. 02



Fonte: Autoral.

Figura 45: Perspectiva pav. 02



Fonte: Autoral.

Figura 46, 47 e 48: Vistas do pavimento 02, fonte: autoral.

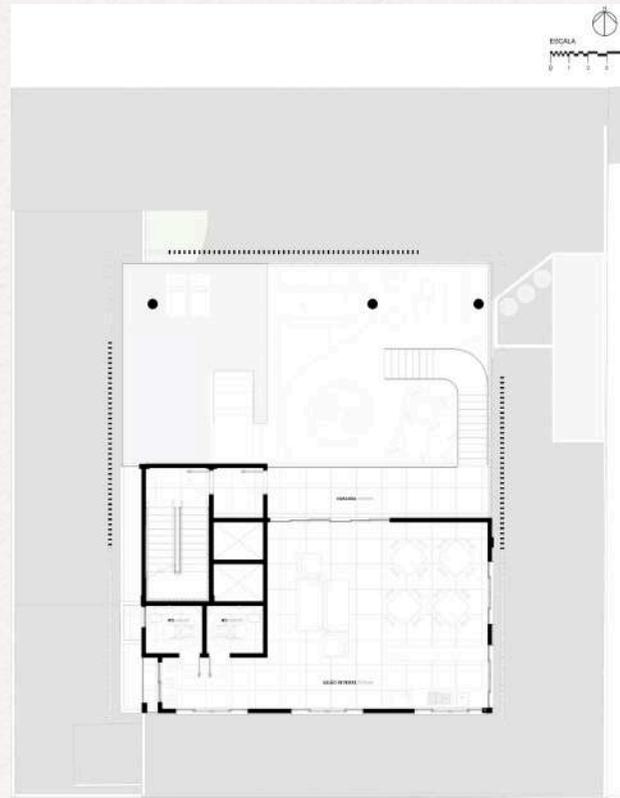


PAVIMENTO 3

O terceiro pavimento (figura 49) abriga o salão de festas, um espaço versátil equipado com cozinha própria, banheiros acessíveis (PCD) e uma ampla varanda que se abre visualmente para a área de lazer inferior e para a "segunda pele" arquitetônica do edifício (figura 50).

O acesso ao salão ocorre de duas formas: pelo bloco de circulação vertical principal, integrado à recepção, e pela escada externa que o conecta diretamente ao pavimento de lazer, criando um fluxo dinâmico entre os espaços sociais. Essa dupla conexão reforça o caráter comunitário do ambiente, permitindo tanto o uso independente para eventos quanto uma integração fluida com as outras áreas de convívio. A varanda, além de ampliar o espaço útil, funciona como um elemento de transição entre o interior coletivo e a paisagem urbana, reforçando a relação do edifício com seu entorno.

Figura 49: Planta baixa pav. 03



Fonte: Autoral.

Figura 50: Perspectiva pav. 03.



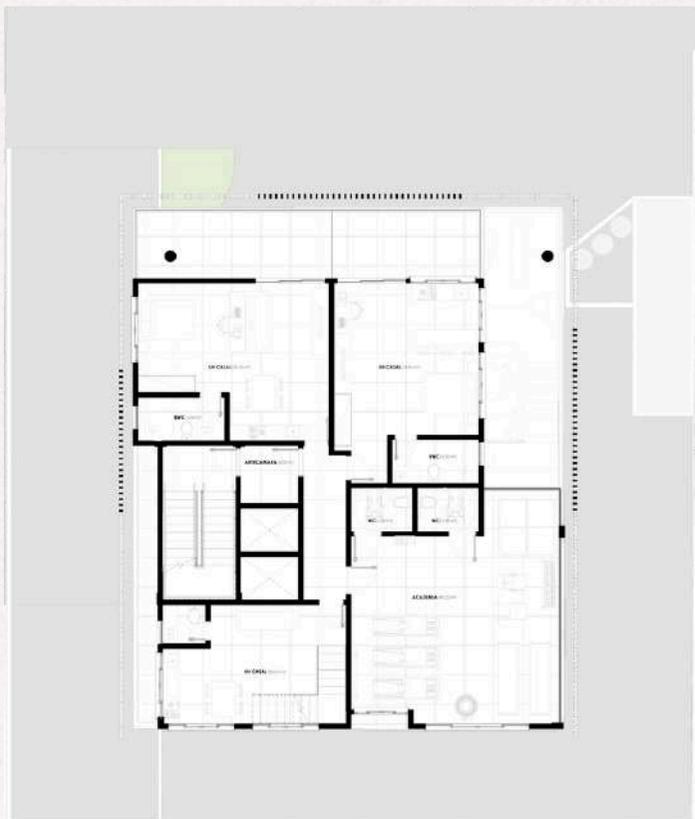
Fonte: Autoral.

PAVIMENTO 4

O quarto pavimento (figuras 51 e 52) abriga três unidades habitacionais do modelo casal, sendo uma delas com mezanino, além de uma academia de 50m². As UHs seguem o mesmo padrão dos demais pavimentos, com layout integrado entre sala e quarto, cozinha de apoio e banheiros padronizados. A unidade com mezanino mantém a distribuição vertical característica, concentrando a área social no piso inferior e a suíte no nível superior.

A academia, único ambiente coletivo deste pavimento, foi posicionada de forma segregada em relação às demais áreas comuns, considerando seu uso específico e a necessidade de maior isolamento. Essa disposição preserva a privacidade tanto dos frequentadores da academia quanto dos residentes das unidades habitacionais, mantendo a coerência com os princípios de organização espacial adotados no projeto.

Figura 51: Planta baixa pav. 04.



Fonte: Autoral.

Figura 52: Perspectiva pav. 03.



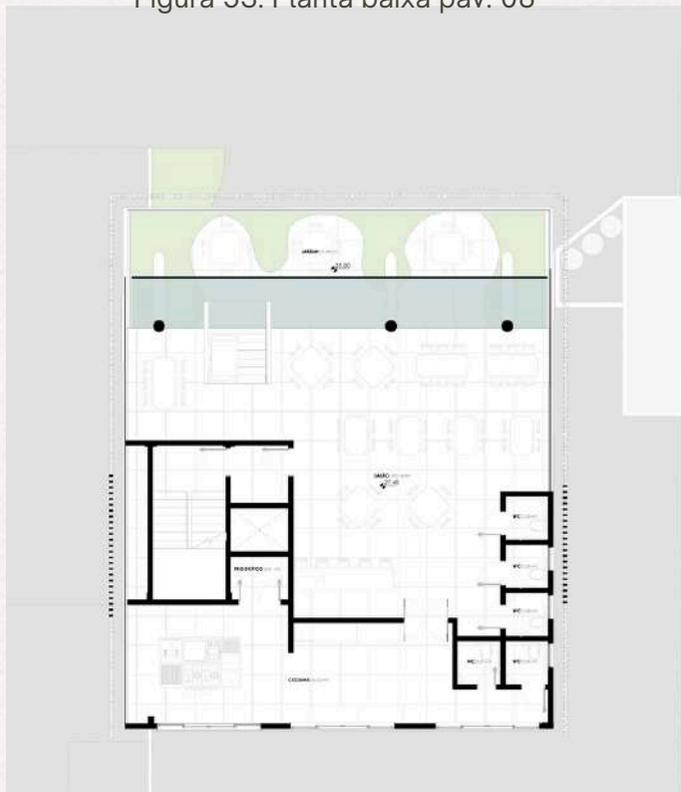
Fonte: Autoral.

PAVIMENTO 8

O último pavimento do edifício (figuras 53 e 54) abriga o restaurante, um espaço de 223,5m² que se destaca é um elemento icônico da volumetria. Projetado como um mirante urbano (figuras 55 e 56), sua composição arquitetônica cria um marco visual, com grande pele de vidro que ampliam a conexão com a paisagem.

Um pavimento intermediário, concebido como jardim perimetral às mesas, oferece uma experiência singular de refeição ao ar livre.

Figura 53: Planta baixa pav. 08



Fonte: Autorial.

Figura 54: Perspectiva pav. 08.



Fonte: Autorial.

Figura 55: Perspectiva interna restaurante



Fonte: Autorial.

Figura 56: Perspectiva externa restaurante



Fonte: Autorial.

ESTACIONAMENTO

O projeto oferece 19 vagas de estacionamento (), número que atende e supera o mínimo exigido pela Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo (LPUOS) do município. O cálculo foi feito separadamente para cada uso do edifício:

Unidades Habitacionais (UH) de baixa permanência:

- A legislação exige 1 vaga para cada 2 unidades.
- Como são 21 UHs, o mínimo seria 10,5 vagas (arredondado para 11).

Restaurante:

- Para estabelecimentos com mais de 200 m², a norma pede 1 vaga para cada 50 m² de área construída.

O restaurante tem 223,5 m², resultando em 4,47 vagas (arredondado para 5).

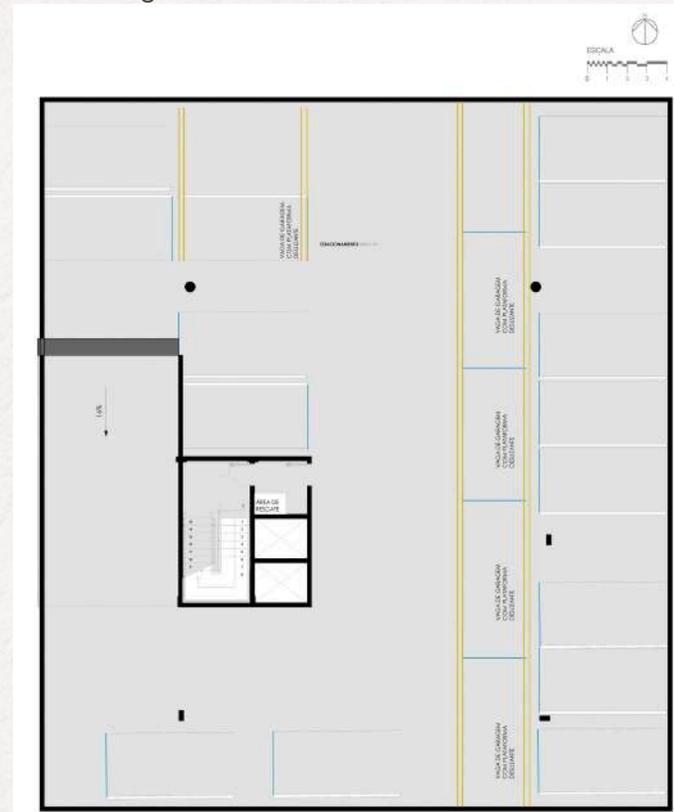
Coworking:

- Espaços de trabalho compartilhado requerem 1 vaga para cada 50 m² de área útil.
- Com 89,94 m², são necessárias 1,8 vagas (arredondado para 2).

Total exigido: 11 (UH) + 5 (restaurante) + 2 (coworking) = 18 vagas.

O projeto oferece 19 vagas (uma a mais que o mínimo), utilizando vagas deslizantes para otimizar o espaço sem comprometer a funcionalidade. Essa solução atende plenamente à lei e garante comodidade aos usuários.

Figura 57: Planta baixa estacionamento



Fonte: Autorial.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação para este trabalho nasceu da vontade de repensar, através da arquitetura, como podemos criar espaços mais humanos e conectados em João Pessoa. Durante minha formação, percebi como a moradia vai além do abrigo físico - é onde criamos laços, compartilhamos histórias e construímos comunidades. O Ginga Coliving surgiu desse desejo de propor uma arquitetura que acolha não apenas corpos, mas também relações.

Ao longo da pesquisa, compreendi que os desafios da vida urbana contemporânea - o isolamento, os altos custos de moradia, a dificuldade de conciliar trabalho e vida pessoal - pediam respostas criativas. O coliving se mostrou não como uma solução temporária, mas como uma possibilidade real de reinventar nossa forma de habitar as cidades,

especialmente em um lugar como João Pessoa, onde a qualidade de vida e as relações comunitárias sempre foram tão valorizadas.

O GINGA me ensinou que a arquitetura pode ser uma aliada poderosa na construção desses novos modos de convivência, quando consegue equilibrar privacidade e coletividade, eficiência e afeto.

Chego ao final deste trabalho acreditando que os objetivos foram alcançados: mais do que um conjunto de pranchas, o Ginga Coliving é uma proposta que dialoga com as necessidades reais da cidade e de seus moradores. Se há algo que levo dessa jornada é a certeza de que a arquitetura ganha sentido quando consegue traduzir em espaços os desejos e sonhos de uma comunidade.

Este projeto marca o encerramento de um ciclo acadêmico, mas representa o início de muitas outras reflexões sobre

como podemos construir cidades mais acolhedoras, sustentáveis e cheias de vida. Foi um caminho desafiador, mas profundamente transformador - e é com esse olhar que sigo adiante.

7.0. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BREATHE ARCHITECTURE. The Commons. Disponível em: BREATHE ARCHITECTURE. The Commons. Disponível em: <https://www.archdaily.com/439933/the-commons-breathe-architecture>. Acesso em: 9 fev. 2025.
- BONINI, J. de O. R. Novos arranjos familiares: da família medieval à família da atualidade. Artigo de pós-graduação em terapia de família. Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2009.
- CALLENDER, J. H. (Ed.). Time-Saver Standards for Building Types. 2. ed. New York: McGraw-Hill, 1995.
- CARNEIRO, F. G.; CARNEIRO, L. A. Crises Econômicas e Padrões de Consumo no Brasil. Revista de Economia Política, v. 37, n. 2, p. 331-350, 2017.
- CLIMATE-DATA.ORG. Clima: João Pessoa. Disponível em: <https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/paraiba/joao-pessoa-4012/>. Acesso em: 6 jan. 2025.
- TRAMONTANO, M. A casa do século XXI: espaços domésticos, modos de habitar. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.
- DORNIER, A. Roam coliving Bali. Disponível em: <https://www.alexisdornier.com/roam-coliving-bali>. Acesso em: 9 fev. 2025.
- ESTEVES, A. M. C. Flexibilidade em arquitetura: um contributo adicional para a sustentabilidade do ambiente construído. Coimbra, 2013. 224 p. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/24866>. Acesso em: 14 dez. 2024.
- ESTEVES, L. Arquitetura Flexível: estratégias projetuais para a adaptabilidade dos espaços. São Paulo: Editora Blucher, 2013.
- FIPEZAP. Índice FipeZap: agosto de 2024. Disponível em: <https://www.fipezap.com.br/>. Acesso em: 9 fev. 2025.
- HORELLI, L. New Approaches to Urban Planning: Insights from Participatory Communities. Helsinki: Aalto University, 2013.
- HORELLI, L. The role of shared space for the building and maintenance of community from the gender perspective: a longitudinal case study in a neighbourhood of Helsinki. Social Sciences Directory, v. 2, p. 1-20, 2013.
- HOWE, N.; STRAUSS, W. Millennials Rising: The Next Great Generation. New York: Vintage Books, 2000.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: características gerais dos domicílios e dos moradores 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/1727-0-pnad-continua.html>. Acesso em: 9 fev. 2025.

LUBOCHINSKI, L. Co-lar: habitação colaborativa para idosos. São Paulo: FAUUSP, 2013.

MOCELLIM, A. A cidade e a modernidade: uma leitura a partir de Georg Simmel. In: MOCELLIM, A.; SANTOS, J. L. dos (Org.). Simmel e a Modernidade: ensaios de sociologia. Curitiba: CRV, 2011. p. 107.

NUGENT, J. Residential Common Spaces That Really Work: A Post-Occupancy Study. *Planning for Higher Education*, v. 41, n. 1, p. 1-10, 2012.

NUGENT, R. Architecture of Sociability: Designing for Critical Mass of Engagement. *Journal of Urban Design*, v. 17, n. 3, p. 405-424, 2012.

PEÑA, W.; PARSHALL, S. Problem Seeking: An Architectural Programming Primer. 4. ed. New York: John Wiley & Sons, 2001.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001.

SILVA FILHO, A. R. A. Manual básico para planejamento e projeto de restaurantes e cozinhas industriais. 1. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2015.

TRAMONTANO, M. Habitação e cidade: velhas questões, novas abordagens. São Paulo: Annablume, 2003.

TRAMONTANO, M. A casa do século XXI: espaços domésticos, modos de habitar. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

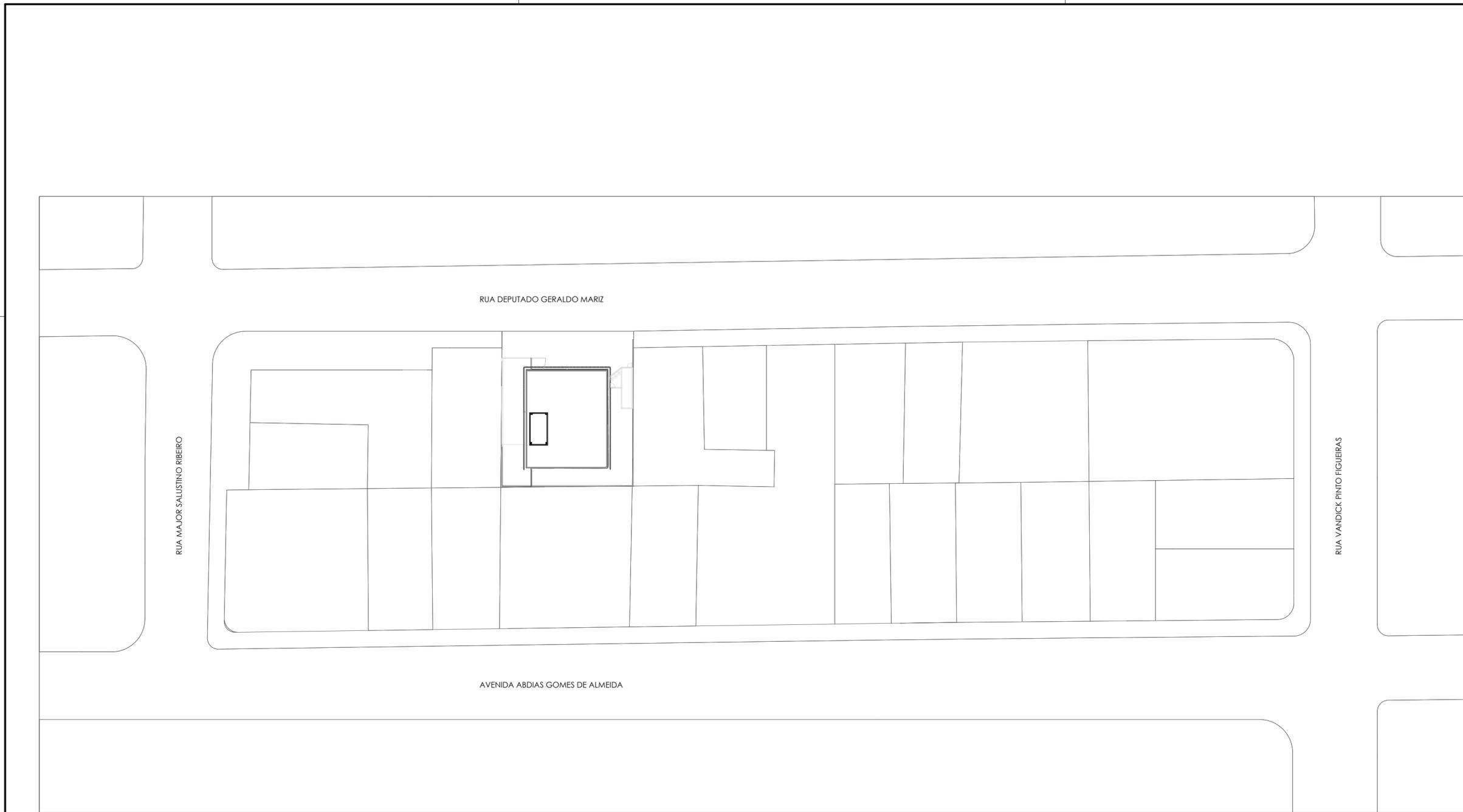
TRAMONTANO, M. Alice no país da especulação imobiliária: habitação e modos de vida na cidade de São Paulo. *Cidades, Comunidades e Territórios*, n. 6, p. 93-112, 2003. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/3334>. Acesso em: 15 dez. 2024.

TRIPTYQUE ARCHITECTURE. Edifício AMATA. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/876543/edificio-amata-triptyque-architecture>. Acesso em: 1 fev. 2025.

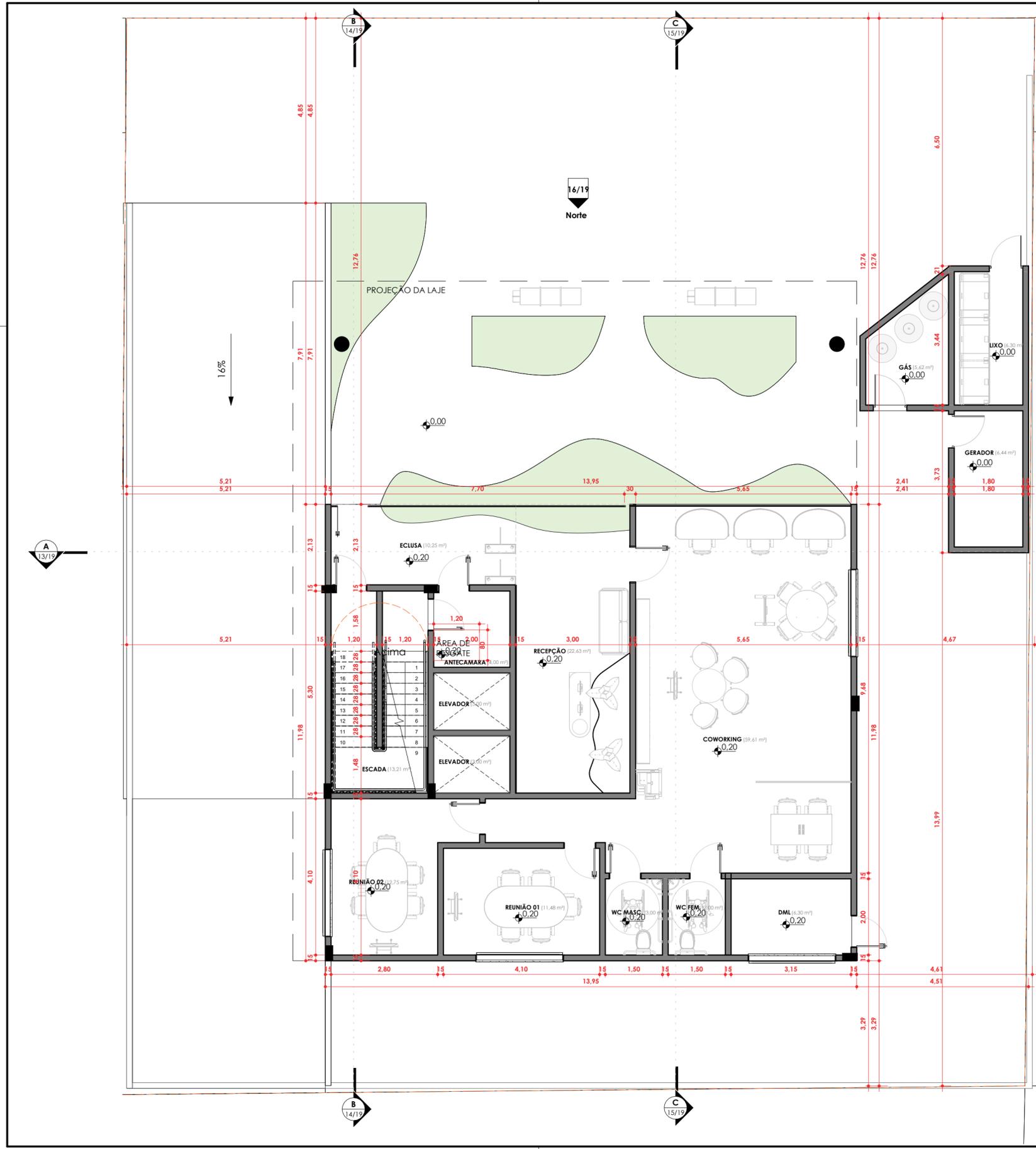
VAZ, L. F. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos — a modernização da moradia no Rio de Janeiro. *Análise Social*, Lisboa, v. 29, n. 127, p. 581-597, 1994.

VARGAS, L. Coliving: uma resposta às transformações econômicas e sociais. *Revista Exame*, 2019. Disponível em: <https://exame.com/revista-exame/coliving-transformacoes-economicas-sociais/>. Acesso em: 1 fev. 2025.

WILLIAMS, J. Designing Neighbourhoods for Social Interaction: The Case of Cohousing. *Journal of Urban Design*, v. 10, n. 2, p. 195-227, 2005.



		PROJETO GINGA			
		Rua Deputado Geraldo Mariz, 882			
		PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO			
DISCENTE Guilhermana Fernandes Veras	MATRICULA 20190019037	ESCALA 1 : 500			
ORIENTADOR Carlos Alejandro Nome Silva	Á. DO TERRENO 670,24m ²	Á. CONSTRUÍDA 2,867,51m ²	Á. ÚTIL 1,074m ²	T.O. 39,37%	
DESENHO Planta de Locação		FRANCHA 1/19			



A
13/19

B
14/19

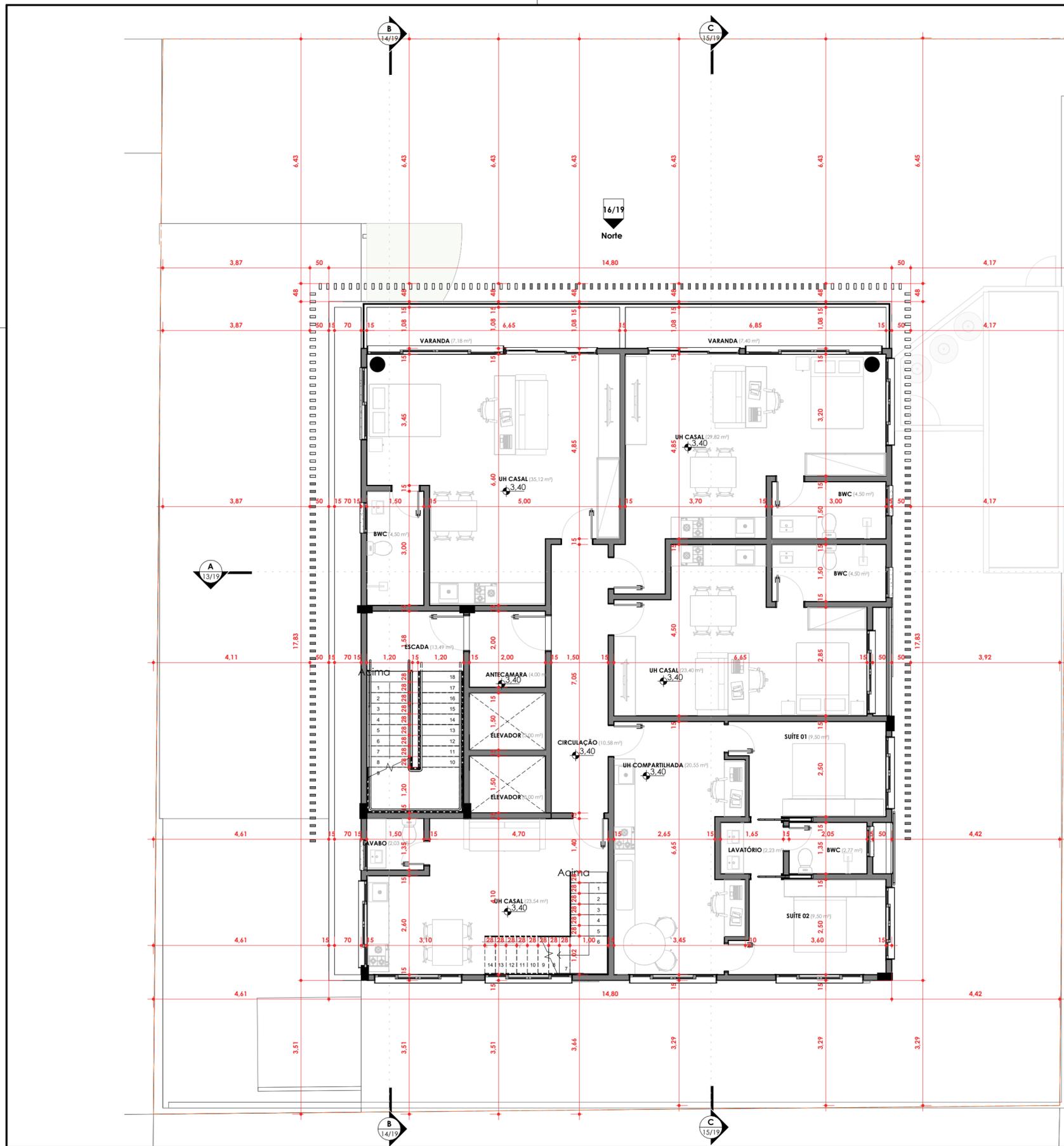
C
15/19

B
14/19

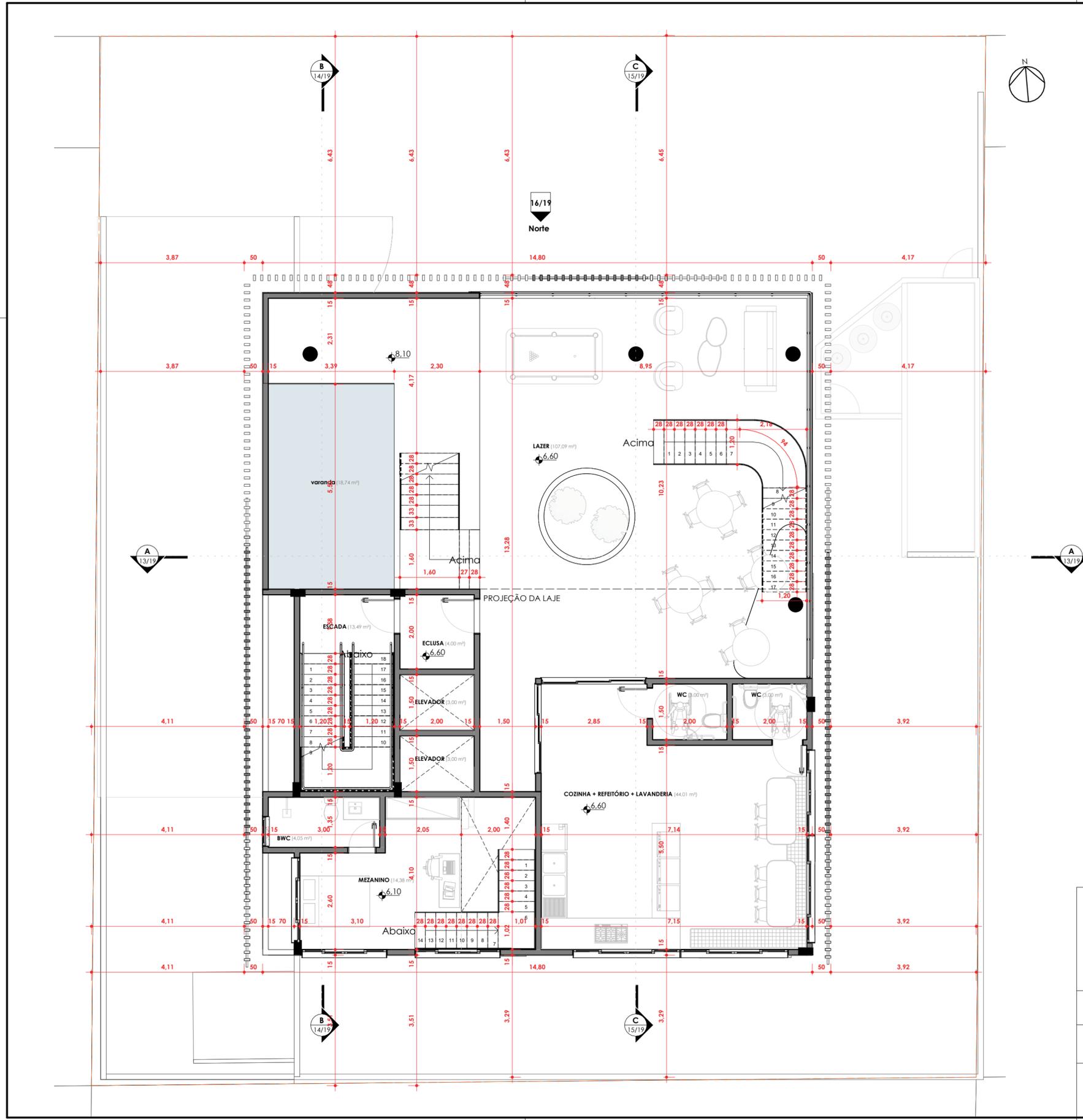
C
15/19

16/19
Norte

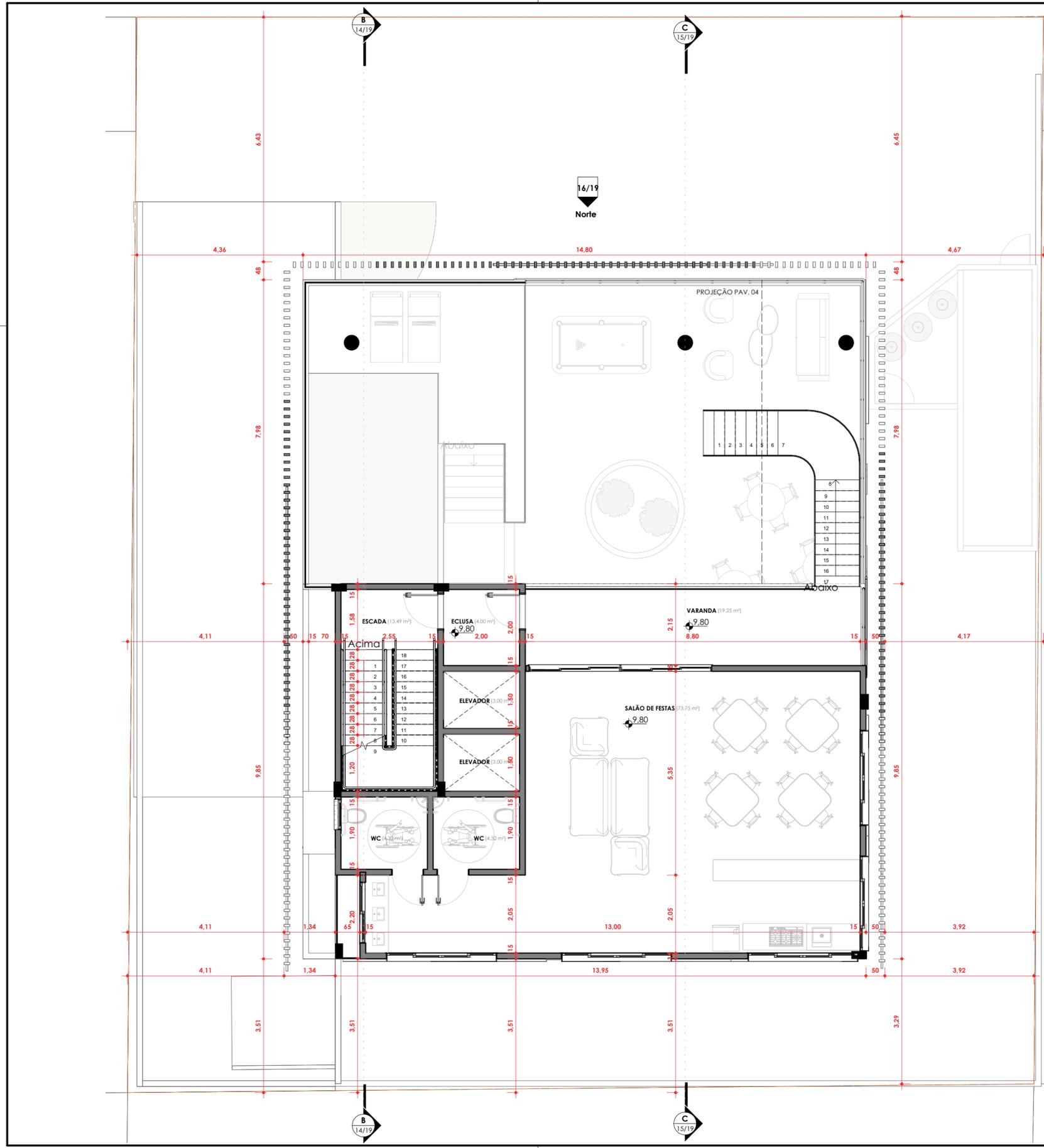
PROJETO				
GINGA				
Rua Deputado Geraldo Mariz, 882				
PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO				
DISCENTE	MATRÍCULA	ESCALA		
Guilhermana Fernandes Veras	Verificador	1 : 75		
ORIENTADOR	Á. DO TERRENO	Á. CONSTRUÍDA	Á. ÚTIL	T.O.
Carlos Alejandro Nome Silva	670.24m²	2.867.51m²	1.074m²	39.37%
DESENHO				FRANCHA
Planta de Piso Térreo				3/19



PROJETO				
GINGA				
Rua Deputado Geraldo Mariz, 882				
PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO				
DISCENTE	MATRÍCULA	ESCALA		
Guilhermana Fernandes Veras	Verificador	1 : 75		
ORIENTADOR		Á. DO TERRENO	Á. CONSTRUÍDA	Á. ÚTIL
Carlos Alejandro Nome Silva		670,24m ²	2.867,51m ²	1.074m ²
DESENHO				T.O.
Planta de Piso Pav. 1				39,37%
				FRANCHA
				4/19

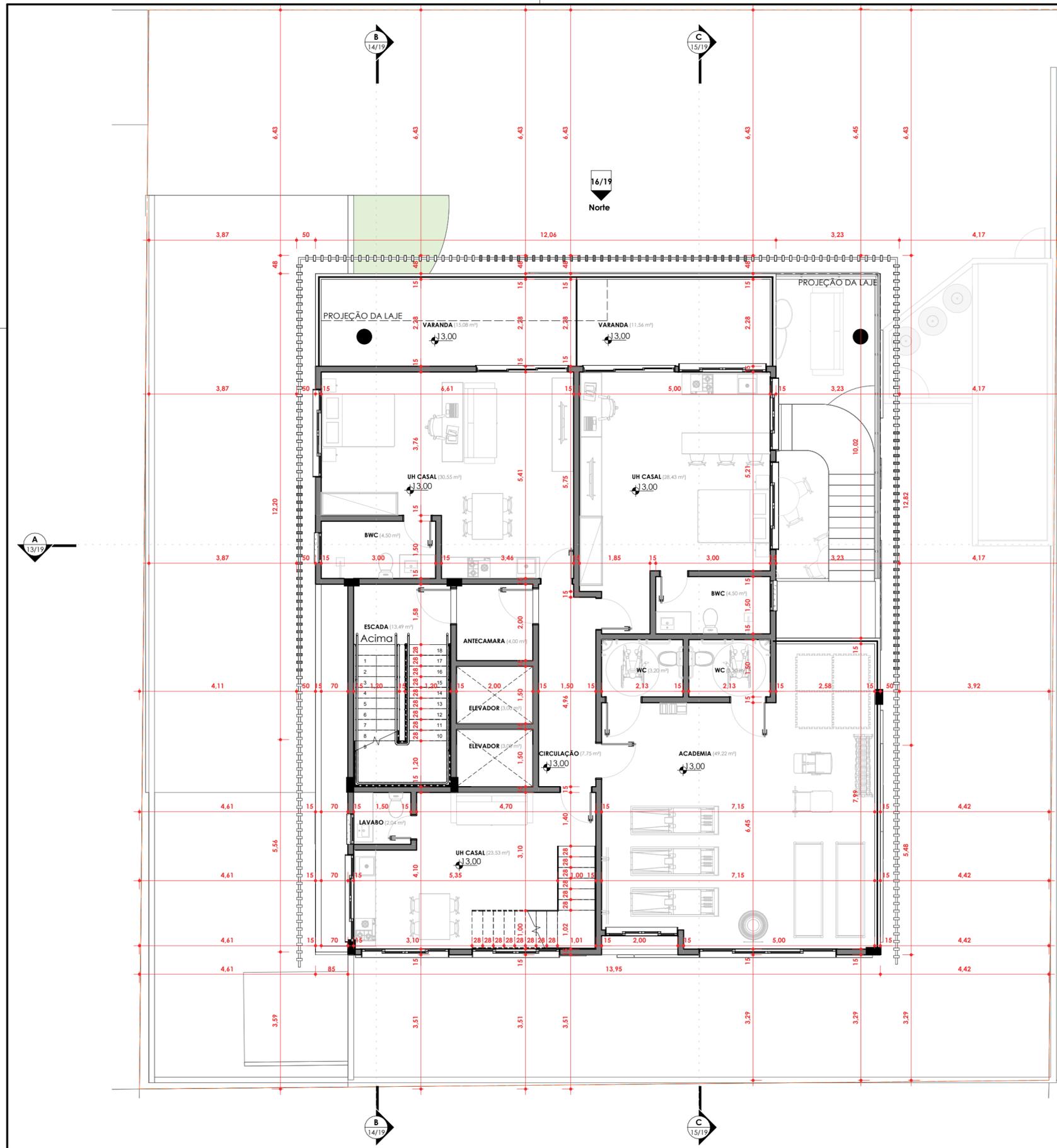


		PROJETO GINGA			
		Rua Deputado Geraldo Mariz, 882			
		PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO			
DISCENTE	MATRÍCULA	ESCALA			
Guilhermana Fernandes Veras	Verificador	1 : 75			
ORIENTADOR	Á. DO TERRENO	Á. CONSTRUÍDA	Á. ÚTIL	T.O.	
Carlos Alejandro Nome Silva	670,24m²	2.867,51m²	1.074m²	39,37%	
DESENHO				FRANCHA	
Planta de Piso Pav. 2 (Lazer)				5/19	

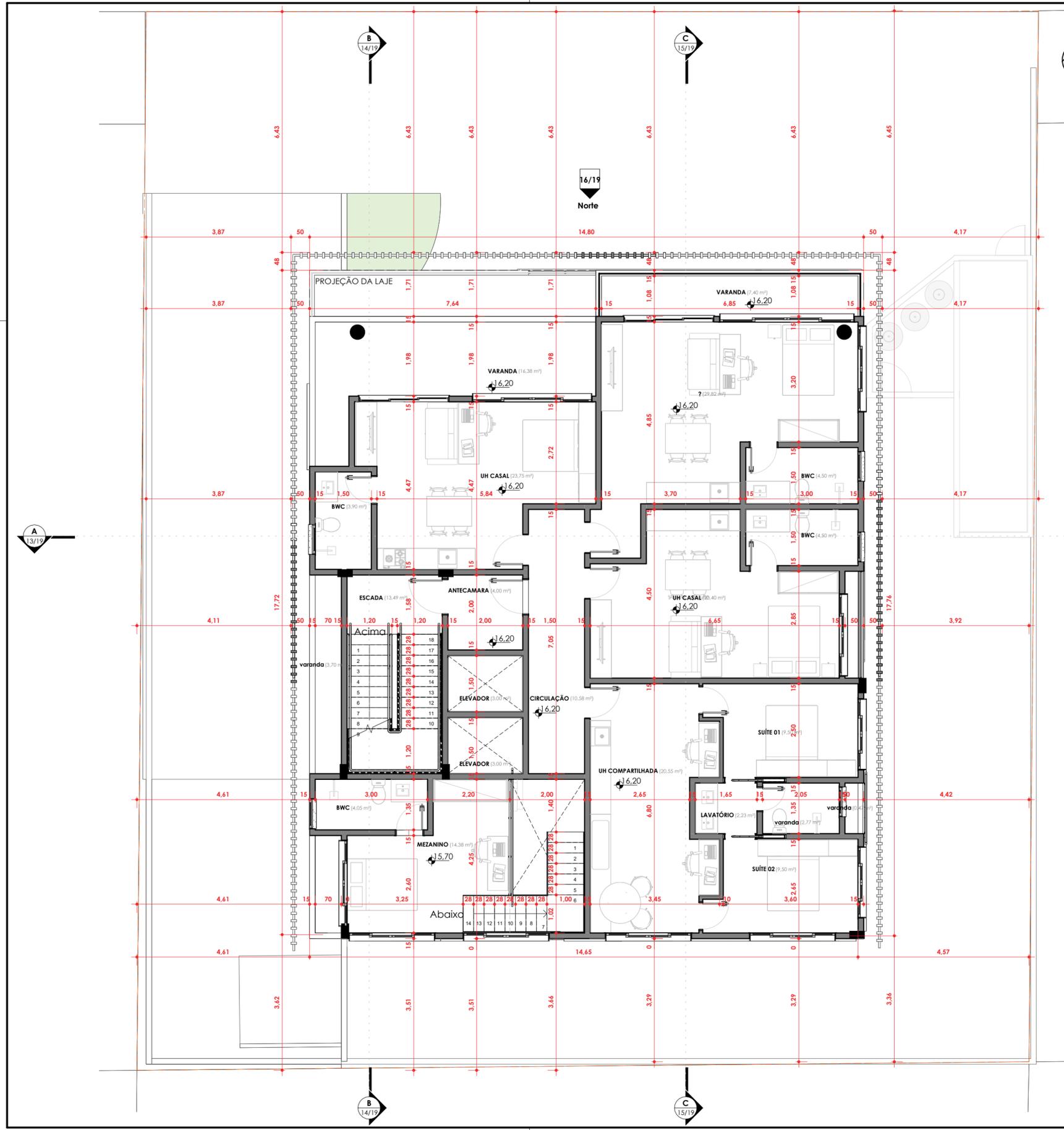


		PROJETO GINGA			
		Rua Deputado Geraldo Mariz, 882			
		PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO			
DISCENTE	MATRÍCULA	ESCALA			
Guilhermana Fernandes Veras	Verificador	1 : 75			
ORIENTADOR	Á. DO TERRENO	Á. CONSTRUÍDA	Á. ÚTIL	T.O.	
Carlos Alejandro Nome Silva	670,24m²	2.867,51m²	1.074m²	39,37%	
DESENHO				FRANCHA	
Planta de Piso Pav. 3 (Festas)				6/19	

C:\Users\jry\Downloads\GINGA_ANTI-PROJETO_V08_R08_M04 (1).vrt

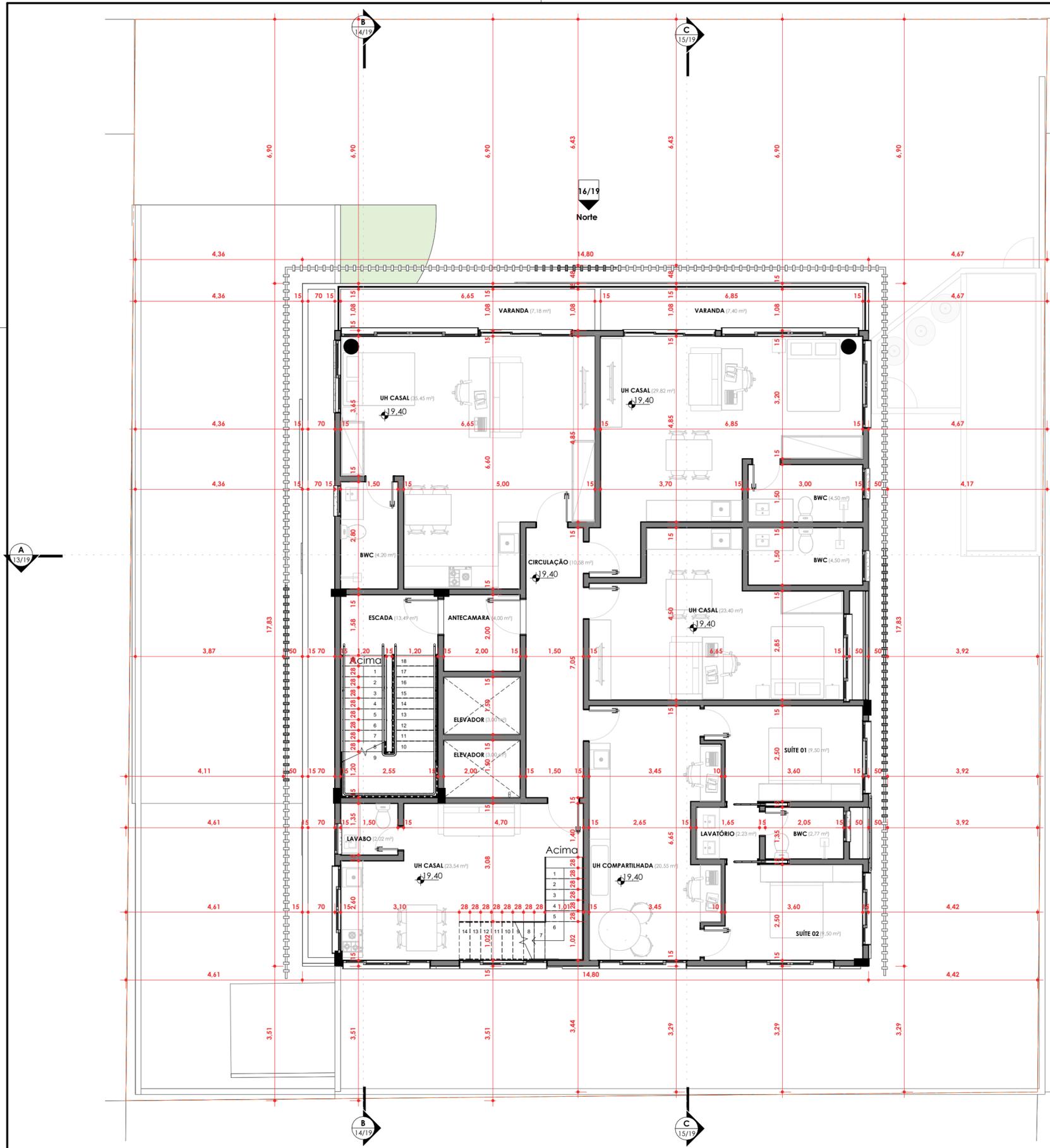


		PROJETO GINGA			
		Rua Deputado Geraldo Mariz, 882			
		PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO			
DISCENTE	MATRÍCULA	ESCALA			
Guilhermana Fernandes Veras	Verificador	1 : 75			
ORIENTADOR	Á. DO TERRENO	Á. CONSTRUÍDA	Á. ÚTIL	T.O.	
Carlos Alejandro Nome Silva	670,24m ²	2.867,51m ²	1.074m ²	39,37%	
DESENHO				FRANCHA	
Planta de Piso Pav. 4				7/19	



		PROJETO GINGA			
		Rua Deputado Geraldo Mariz, 882			
		PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO			
DISCENTE	MATRÍCULA	ESCALA			
Guilhermana Fernandes Veras	Verificador	1 : 75			
ORIENTADOR	Á. DO TERRENO	Á. CONSTRÚIDA	Á. ÚTIL	T.O.	
Carlos Alejandro Nome Silva	670,24m ²	2.867,51m ²	1.074m ²	39,37%	
DESENHO				FRANCHA	
Planta de Piso Pav. 5				8/19	

C:\Users\jryr\Downloads\GINGA_ANTI-PROJETO_V08_R08_M04 (1).vt



A
13/19

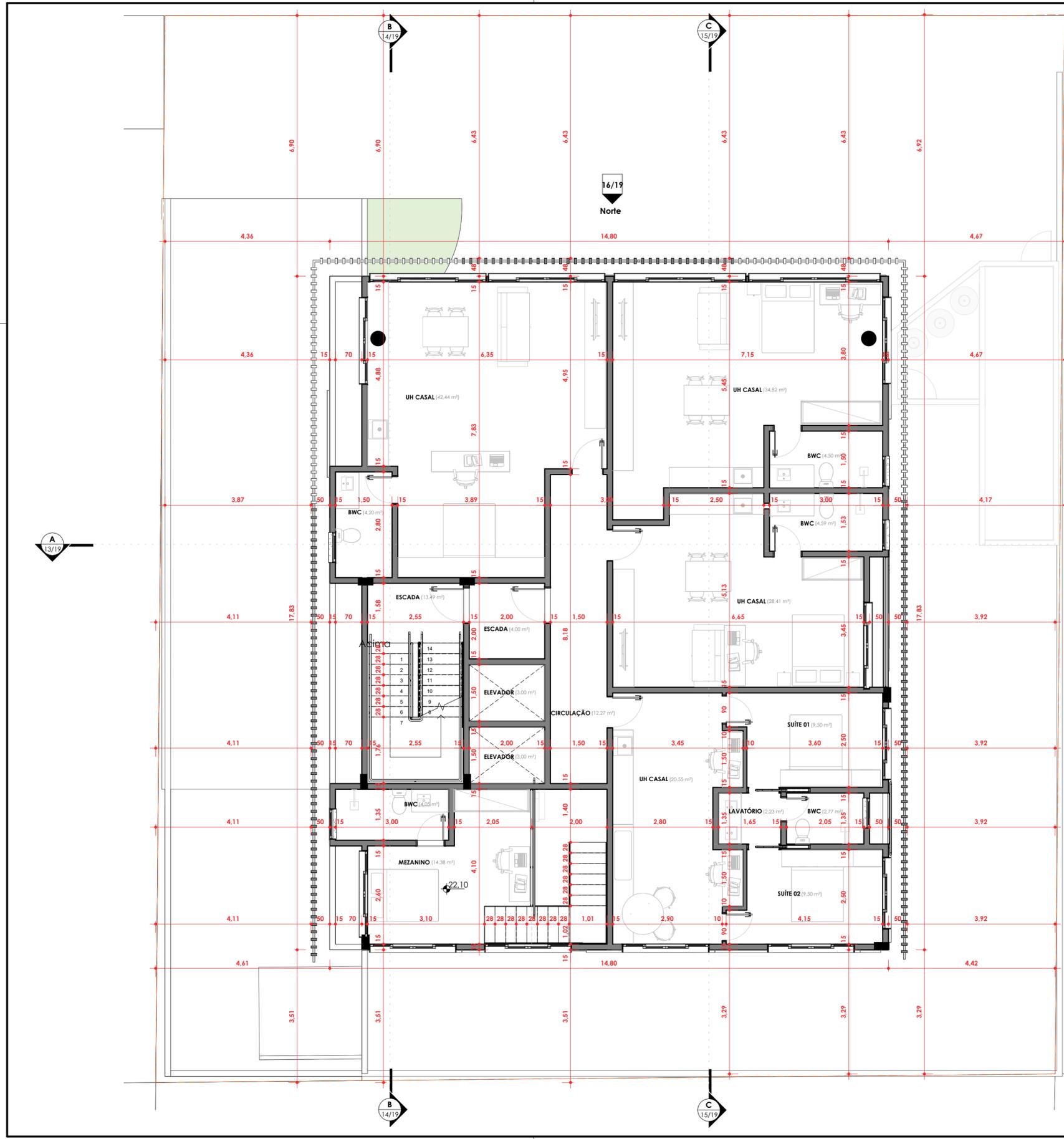
B
14/19

C
15/19

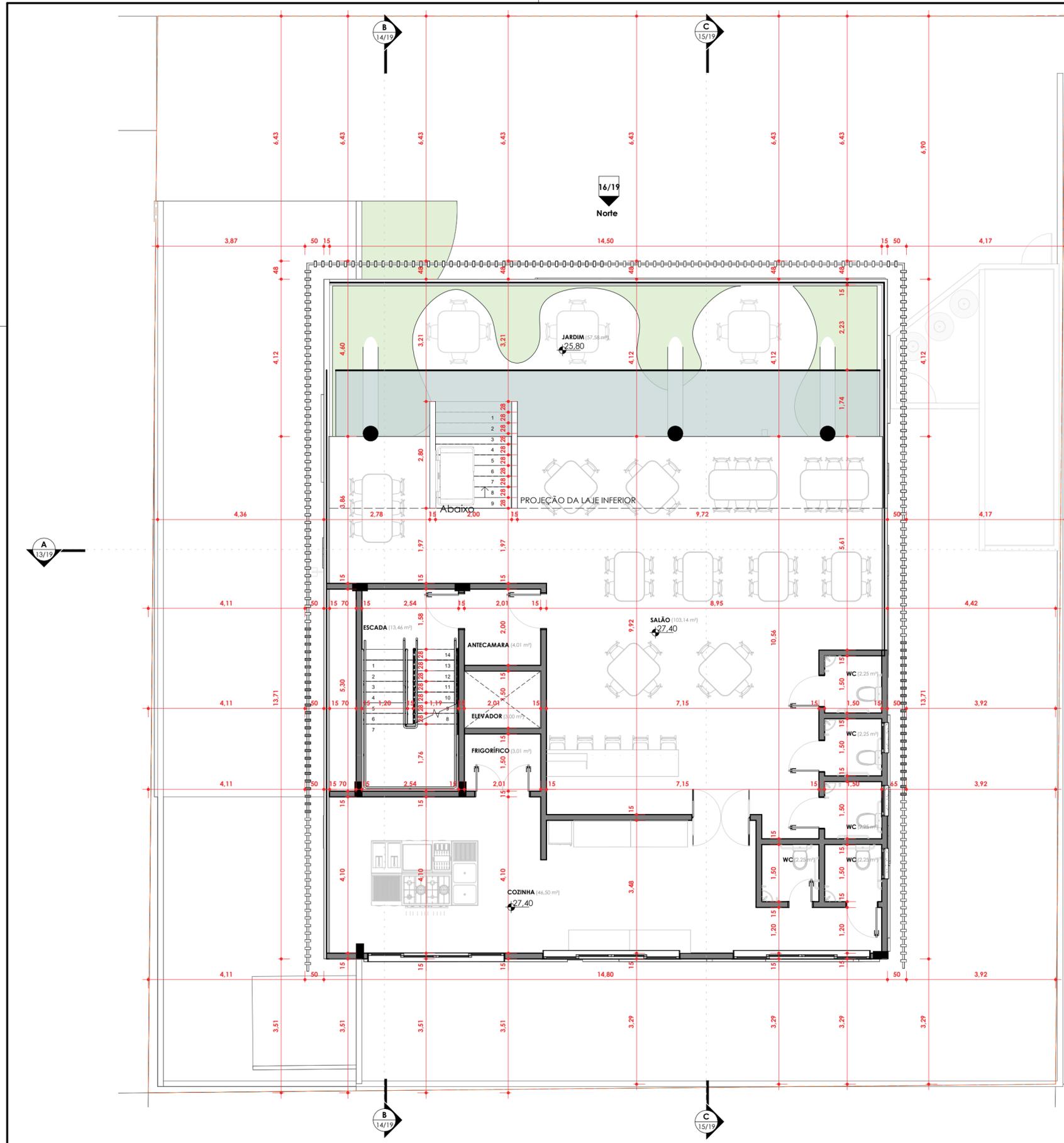
B
14/19

C
15/19

		PROJETO GINGA			
		Rua Deputado Geraldo Mariz, 882			
		PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO			
DISCENTE	MATRÍCULA	ESCALA			
Guilhermana Fernandes Veras	Verificador	1 : 75			
ORIENTADOR		Á. DO TERRENO	Á. CONSTRUÍDA	Á. ÚTIL	T.O.
Carlos Alejandro Nome Silva		670,24m ²	2.867,51m ²	1.074m ²	39,37%
DESENHO					FRANCHA
Planta de Piso Pav. 6					9/19

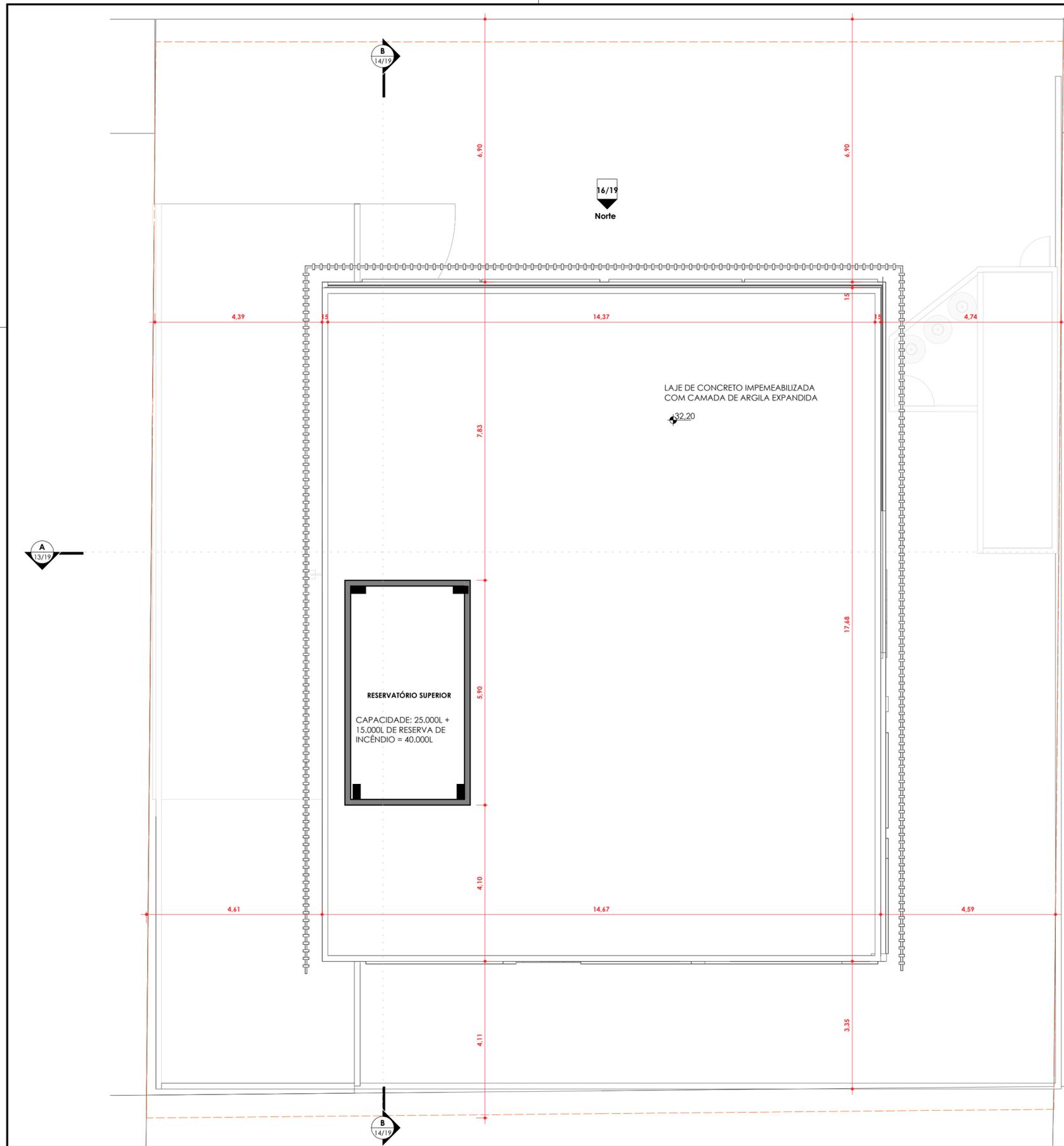


PROJETO				
GINGA				
Rua Deputado Geraldo Mariz, 882				
PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO				
DISCENTE	MATRÍCULA	ESCALA		
Guilhermana Fernandes Veras	Verificador	1 : 75		
ORIENTADOR	Á. DO TERRENO	Á. CONSTRUÍDA	Á. ÚTIL	T.O.
Carlos Alejandro Nome Silva	670,24m ²	2.867,51m ²	1.074m ²	39,37%
DESENHO				FRANCHA
Planta de Piso Pav. 7				10/19



PROJETO				
GINGA				
Rua Deputado Geraldo Mariz, 882				
PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO				
DISCENTE	MATRÍCULA	ESCALA		
Guilhermana Fernandes Veras	Verificador	1 : 75		
ORIENTADOR	Á. DO TERRENO	Á. CONSTRUÍDA	Á. ÚTIL	T.O.
Carlos Alejandro Nome Silva	670,24m ²	2.867,51m ²	1.074m ²	39,37%
DESENHO				FRANCHA
Planta de Piso Pav. 8				11/19

C:\Users\ary\Downloads\GINGA_ANTEPROJETO_V08_R08_M04 (1).dwt



16/19
Norte

RESERVATÓRIO SUPERIOR
CAPACIDADE: 25.000L +
15.000L DE RESERVA DE
INCÊNDIO = 40.000L

LAJE DE CONCRETO IMPERMEABILIZADA
COM CAMADA DE ARGILA EXPANDIDA
32.20

A
13/19

B
14/19

		PROJETO GINGA			
		Rua Deputado Geraldo Mariz, 882			
		PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO			
DISCENTE Guilhermana Fernandes Veras	MATRICULA Verificador	ESCALA 1 : 75			
ORIENTADOR Carlos Alejandro Nome Silva	Á. DO TERRENO 670,24m ²	Á. CONSTRUÍDA 2.867,51m ²	Á. ÚTIL 1.074m ²	T.O. 39,37%	
DESENHO Planta de Coberta		FRANCHA 12/19			

C:\Users\aryy\Downloads\GINGA_ANTI-PROJETO_V08_R08_M04 (1).vrt



- Reservatório superior ▼ 33,70
- Coberta ▼ 32,20
- Pav. 08 ▼ 27,40
- nível de ref - jardim ▼ 25,80
- REF. ESCADA ▼ 25,00
- Pav. 07 ▼ 22,60
- Mezanino - pav. 07 ▼ 22,10
- Pav. 06 ▼ 19,40
- Pav. 05 ▼ 16,20
- Mezanino - pav. 05 ▼ 15,70
- Pav. 04 ▼ 13,00
- Pav. 03 ▼ 9,30
- Mezanino - pav. 03 ▼ 9,30
- Pav. 02 ▼ 6,10
- Mezanino - pav. 02 ▼ 6,10
- Pav. 01 (Tipo 01) ▼ 3,40
- Subsolo ▼ 0,20
- Terreno ▼ 0,00
- Subsolo ▼ -2,50
- RESERVATÓRIO INFERIOR ▼ -5,50

		PROJETO			
		GINGA			
		Rua Deputado Geraldo Mariz, 882			
		PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO			
DISCENTE	MATRÍCULA	ESCALA			
Guilhermana Fernandes Veras	Verificador	1 : 120			
ORIENTADOR		Á. DO TERRENO	Á. CONSTRUIDA	Á. ÚTIL	T.O.
Carlos Alejandro Nome Silva		670,24m²	2.867,51m²	1.074m²	39,37%
DESENHO		FRANCHA			
Corte AA		13/19			

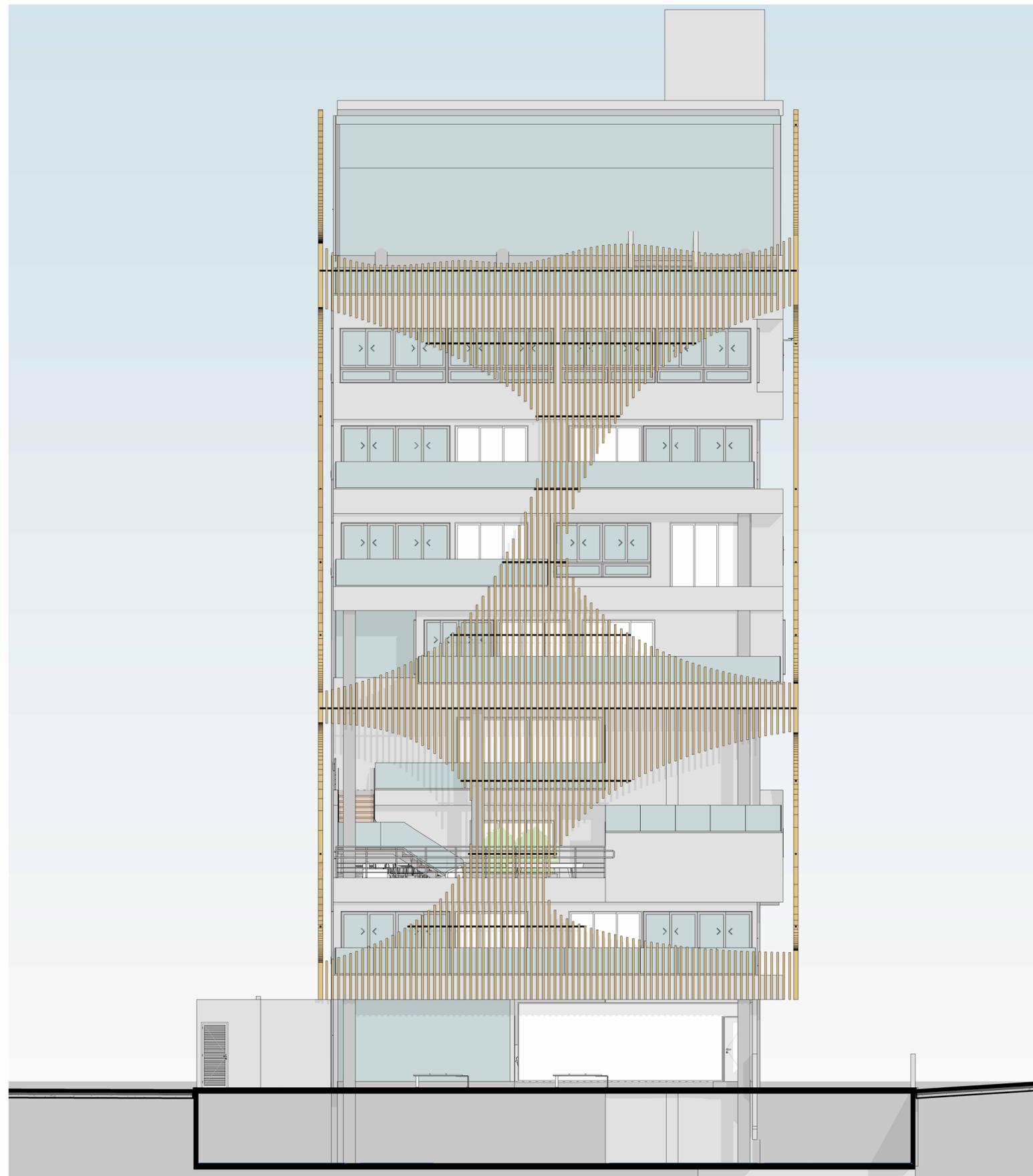


		PROJETO			
		GINGA			
		Rua Deputado Geraldo Mariz, 882			
		PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO			
DISCENTE	MATRÍCULA	ESCALA			
Guilhermana Fernandes Veras	Verificador	1 : 120			
ORIENTADOR	Á. DO TERRENO	Á. CONSTRUIDA	Á. ÚTIL	T.O.	
Carlos Alejandro Nome Silva	670,24m²	2.867,51m²	1.074m²	39,37%	
DESENHO	FRANCHA				
Corte BB	14/19				

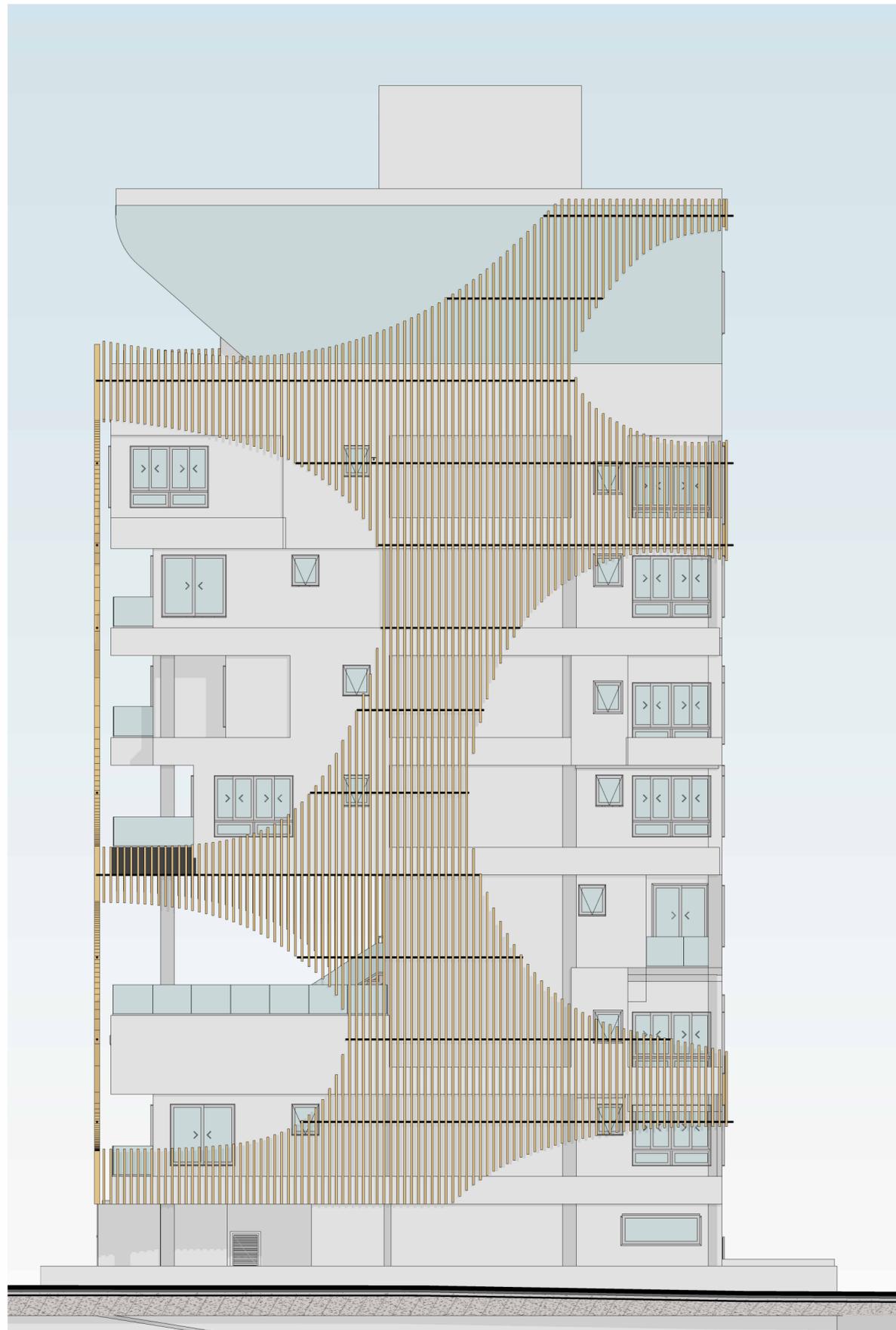


- Coberta ▼ 32,20
- escada omg ▼ 29,80
- Pav. 08 ▼ 27,40
- nível de ref - jardim ▼ 25,80
- REF. ESCADA ▼ 25,00
- Pav. 07 ▼ 24,69
- Mezanino - pav. 07 ▼ 22,10
- Pav. 06 ▼ 19,40
- Pav. 05 ▼ 16,20
- Mezanino - pav. 05 ▼ 15,70
- Pav. 04 ▼ 13,00
- Pav. 03 ▼ 9,30
- Mezanino - pav. 03 ▼ 9,30
- Pav. 02 ▼ 6,10
- Mezanino - pav. 02 ▼ 6,10
- Pav. 01 (Tipo 01) ▼ 3,40
- Térreo Terreno ▼ 0,00
- Subsolo ▼ -2,50

PROJETO GINGA				
Rua Deputado Geraldo Mariz, 882				
PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO				
DISCENTE Guilhermana Fernandes Veras	MATRICULA Verificador	ESCALA 1 : 120		
ORIENTADOR Carlos Alejandro Nome Silva	Á. DO TERRENO 670,24m²	Á. CONSTRUIDA 2.867,51m²	Á. ÚTIL 1.074m²	T.O. 39,37%
DESENHO Corte CC			FRANCHA 15/19	



		PROJETO GINGA			
		Rua Deputado Geraldo Mariz, 882			
		PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO			
DISCENTE Guilhermana Fernandes Veras	MATRÍCULA 20190019037	ESCALA 1 : 100			
ORIENTADOR Carlos Alejandro Nome Silva		Á. DO TERRENO 670,24m ²	Á. CONSTRUÍDA 2.867,51m ²	Á. ÚTIL 1.074m ²	T.O. 39,37%
DESENHO Elevação Norte		PRANCHA 16/19			



		PROJETO GINGA			
		Rua Deputado Geraldo Mariz, 882			
		PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO			
DISCENTE Guilhermana Fernandes Veras	MATRICULA Verificador	ESCALA 1 : 100			
ORIENTADOR Carlos Alejandro Nome Silva		Á. DO TERRENO 670,24m ²	Á. CONSTRUÍDA 2.867,51m ²	Á. ÚTIL 1.074m ²	T.O. 39,37%
DESENHO Elevação Oeste		FRANCHA 17/19			



		PROJETO GINGA			
		Rua Deputado Geraldo Mariz, 882			
		PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO			
DISCENTE Guilhermana Fernandes Veras	MATRÍCULA Verificador	ESCALA 1 : 100			
ORIENTADOR Carlos Alejandro Nome Silva		Á. DO TERRENO 670,24m ²	Á. CONSTRÚIDA 2.867,51m ²	Á. ÚTIL 1.074m ²	T.O. 39,37%
DESENHO Elevação Leste		FRANCHA 18/19			

C:\Users\jryr\Downloads\GINGA_ANTI-PROJETO_V08_R08_M01 (1).vrt



		PROJETO GINGA			
		Rua Deputado Geraldo Mariz, 882			
		PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO			
DISCENTE Guilhermana Fernandes Veras	MATRÍCULA Verificador	ESCALA 1 : 100			
ORIENTADOR Carlos Alejandro Nome Silva		Á. DO TERRENO 670,24m ²	Á. CONSTRÚIDA 2.867,51m ²	Á. ÚTIL 1.074m ²	T.O. 39,37%
DESENHO Elevação Sul		PRANCHA 19/19			